

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E
ARTES
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
CINEMA E AUDIOVISUAL

MODALIDADE: BACHARELADO

JUNHO - 2011

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Identificação: Curso de CINEMA E AUDIOVISUAL

Modalidade: Bacharelado

Turno: Diurno

Regime Acadêmico: créditos

Tempo para integralização curricular - Diurno

- Mínimo: 08 (oito) períodos letivos;
- Máximo: 12 (doze) períodos letivos.

Limite de Créditos por Período Letivo

- Máximo: 29 (vinte e nove) créditos.
- Mínimo: 12 (dezenove) créditos;

Carga Horária Total

- 2.670 horas/aula (178 créditos)

Base Legal:

- LDB 9394/96;
- Resolução nº. 34/2004 do CONSEPE/UFPB
- Resolução CNE/CES Nº 10, de 27 de junho de 2006 (D. O. U. Brasília, 7 de julho de 2006. Seção 1, p.29);

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

1. INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta as bases para criação do Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual, através de seu Projeto Pedagógico, como resultado de um processo de reflexão sobre o campo de formação do cinema e do audiovisual no Brasil e, em especial, com o pensamento e a produção do cinema e do audiovisual na Paraíba. Trata-se de uma iniciativa do curso de Comunicação, com apoio da direção do CCHLA e da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, que tomaram para si a tarefa de dar conseqüência a uma proposta que se expressa como uma reivindicação de diversos setores da sociedade civil e, em especial, da comunidade acadêmica e dos segmentos organizados em torno das práticas e do pensamento do cinema e do audiovisual.

A proposta pedagógica do Curso de Cinema e Audiovisual busca uma diretriz que lhe permita ter um perfil capaz de atender as demandas de da formação que resultam de uma longa trajetória de discussões que têm ainda em meados dos anos 50, com a fundação da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), que ajudou a formar uma geração de produtores, críticos e cineclubistas. E na história do cinema paraibano é impossível negar a importância da UFPB na sua configuração, em todos seus momentos importantes. Numa história que contamos agora.

A exemplo de outros estados, o cinema chegou à Paraíba trazido por um ambulante europeu. Nicola Maria Parente realizou as primeiras projeções em agosto de 1897, na capital do Estado, durante a tradicional Festa das Neves. Em 1902, Mário Quineau, diretor da empresa Nordeste Brasil, passou a exhibir regularmente no Teatro Santa Roza. O incipiente mercado se estabilizou e tomou algum impulso a partir de 1907, quando os primeiros filmes de ficção chegaram à

capital e o interior viu surgir suas primeiras salas de exibição. As primeiras produções locais apareceram em 1918 pelas mãos de Pedro Tavares, fotógrafo do governo do Estado, que registrou por pouco tempo, além de obras governamentais, os principais acontecimentos da época.

O cinema paraibano ganhou vulto com a obra de Walfredo Rodriguez, que realiza em 1923 o documentário *Carnaval Paraibano e Pernambucano*, e inicia em 1924 *Sob o Céu Nordestino*, considerado seu mais importante trabalho. Concluído em 1928, veio a se constituir, na opinião de críticos e cineastas, num marco etnológico dentro do cinema brasileiro, por retratar pioneiramente e sem esoterismo a cultura popular nordestina. Tal feito rendeu-lhe o título de Pai do Cinema Paraibano. Da obra restaram alguns fragmentos, utilizados por Wladimir Carvalho em *Homem de Areia*.

Com a introdução do som, cessou a atividade cinematográfica no Estado, havendo lenta retomada com a criação, pelo governador José Américo de Almeida, do Serviço de Cinema Educativo em 1955, cujos filmes estavam a cargo de João Córdula, e com o movimento cineclubista. Com a criação do primeiro cineclube, 1952-1953, iniciativa de José Rafael de Menezes e dos padres Antônio Fragoso e Luís Fernandes, surgiu um pólo aglutinador das discussões teóricas e estéticas em torno de um cinema paraibano. Como consequência, aparece em 1955 a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O final da década de 50 foi marcado, sobretudo pela constituição de uma nova cinematografia, embrião imediato do chamado cinema novo. Foi o momento da realização de *Aruanda* (1959-1960), de Linduarte Noronha, e da deflagração do Ciclo do Documentário Paraibano, que durou de 1959 a 1979. *Aruanda* representou a afirmação do cinema paraibano no panorama nacional e impulsionou a produção no Estado, especialmente a documental. Despontam nomes como Wladimir Carvalho (*O País de São Saruê, Conterrâneos Velhos de Guerra*), João Ramiro de Melo (*Romeiros da Guia, O Sósia da Morte*), Ipojuca Pontes (*Poética popular, Os Homens do caranguejo*) e muitos outros. Linduarte

ainda realizou mais dois filmes: o curta documental *O Cajueiro nordestino* (1962) e o longa ficcional *O Salário da Morte* (1970).

A década de 60 contabilizou considerável aumento da produção de filmes, levando-se em conta as dificuldades para obtenção de equipamentos, recursos e profissionais especializados. A maior parte dos filmes foi feita por equipes integradas por no máximo quatro pessoas. As dificuldades iriam se acentuar com o tempo e nos anos 70 os principais protagonistas do ciclo deflagrado em 1959 migrariam para outros estados. Em movimento contrário, a cultura e a literatura paraibanas atrairiam, na mesma época, cineastas do sul do país, resultando em três longas-metragens de ficção: *Menino de Engenho*, de Walter Lima Jr., feito em 1965 a partir da obra de José Lins do Rego; *Soledade*, filmado por Paulo Thiago em 1976 com base em *A bagaceira*, de José Américo de Almeida; e *Fogo Morto*, rodado por Marcos Farias no mesmo ano, adaptação da obra homônima de José Lins do Rego.

O movimento local se reanimou com a realização da VII JORNADA BRASILEIRA DE CURTA-METRAGEM em 1979, durante a qual se discutiu a criação de um pólo cinematográfico paraibano, o que nunca aconteceu, apesar do prometido financiamento da EMBRAFILME e do Governo do Estado. O que de concreto a jornada produziu foi a criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica (NUDOC). Graças a um convênio de cooperação técnico-cultural feito entre a UFPB e o Centro de Formação de Cinema Direto de Paris (*Association Varan*), que previa a implantação de um ateliê de cinema direto de João Pessoa e o estágio dos alunos locais na capital francesa, o NUDOC conseguiu comprar equipamentos audiovisuais, tornando-se co-produtor de vários filmes realizados no Estado nos anos 80. O projeto, que tinha a sua frente o diretor do Comitê de Filme Etnográfico da França, Jean Rouch, consistia na aquisição de um sistema completo de produção em bitola Super-8. A proposta acabou por dividir os cineastas locais, que acreditavam as metas estabelecidas por Rouch divergiam das propostas traçadas pela geração documentarista dos anos 60. Estes viam no NUDOC a possibilidade da retomada da produção em bitolas

mais profissionais. Foi nesse clima de desencontros consensuais que a Paraíba inaugurou a fase chamada de superoitista. A bitola amadora dinamizou o processo de produção, permitindo aos novos cineastas uma experimentação mais intensa da ficção. Pouco antes, a cidade de campina Grande havia se tornado um razoável pólo de produção e discussões cinematográficas. Esta girou em torno da criação do Cinema de Arte e contou com nomes como Bráulio Tavares, José Umbelino Brasil e os irmãos Rômulo e Romero Azevedo. Aquela teve em Machado Bittencourt e na sua CINÉTICA FILMES LTDA, um dos raros estúdios cinematográficos do país especializados em 16 mm, uma base segura para realização de diversos curtas experimentais e dois longas de ficção, *Maria Coragem* (1977) e *O Caso Carlota* (1981). Machado foi ainda um dos fundadores da Fundação Nordestina de Cinema (FUNCINE), fechada com a extinção da EMBRAFILME em 1990. Ao longo dos anos 80, com o apoio da FUNAPE, órgão vinculado à UFPB, realizaram-se ainda alguns curtas documentais e semidocumentais na mesma bitola 16 mm. *Cinema Paraibano 20 Anos* (1983) e *Nau Catarineta* (1987), ambos de Manfredo Caldas; *Parahyba* (1985), de Machado Bittencourt; *24 Horas* (1986), de Marcus Vilar, *Itacoatiara - a Pedra no Caminho* (1987, de Torquato Joel; *Carnaval Sujo* (1987-1988), *Palácio do Riso* (1989) e *Reino de Deus* (1989), este da cineasta Vânia Perazzo, em co-produção com a Bulgária. Vilar, Joel e Perazzo foram formados pelo Ateliê Varan de Paris.

A década de 90 apresenta novamente uma queda acentuada na produção. O único filme apresentado é *Viagem a São Saruê*, de João de Lima e Everaldo Vasconcelos, iniciado em 1987 e concluído em 1995.

E atualmente há um proliferação de novos talentos, com a redução significativa de custos do modo de produção de cinema, com a digitalização. E nesse contexto o curso de Comunicação social teve importância ímpar, até por ter em seus quadros protagonistas desse processo, como Linduarte Noronha, Manuel Clemente, Pedro Santos, João de Lima, Pedro Nunes, entre tantos.

Formalmente, o Curso de Comunicação Social da UFPB foi criado em 1977, no Departamento de Artes e Comunicação – DAC - CCHLA, com duas habilitações, Jornalismo e Relações Públicas, conforme a resolução 24/77, de 24 de março de 1977, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Paraíba. O reconhecimento ocorreu dois anos depois com o parecer 1543/79 – CFE, e a portaria do MEC nº 68, de 15 de janeiro de 1980.

A primeira estrutura curricular foi estabelecida pela Resolução Nº 09/78-CONSEPE, a atual é regida pela resolução CFE 002, de 24 de janeiro de 1985 e Resolução 16/85 do CONSEPE. Em 1998, foi criada a Habilitação de Radialismo, conforme a resolução 11/98, do CONSEPE.

Atualmente ingressam no Curso 190 alunos a cada ano em duas turmas de 30 alunos nos cursos de Jornalismo e Radialismo e 35 no curso de Relações Públicas.

Em seus aspectos legais, o presente projeto de criação do curso de Cinema e Audiovisual, foi orientado pela Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual, instituída pela Resolução número 10, de 27 de junho de 2006 – Resolução CNE; CES 10.2006. Diário Oficial da União, Brasília, 7 de julho de 2006, Seção 1, p.29, onde o presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

E de certa forma, sua criação é uma homenagem a esses homens e mulheres que ajudaram a construir essa história.

2. JUSTIFICATIVA

A criação dos primeiros cursos de cinema no Brasil data dos anos 60, quando foram criados a Escola Superior de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais, a Escola Superior de Cinema São Luiz, e os cursos da Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo e Universidade Federal Fluminense, passando, nos anos 70, pela criação de habilitações em cinema,

dentro dos cursos de Comunicação Social, até os dias atuais, quando se estabelece a diretriz de constituição de um campo autônomo do CINEMA e do AUDIOVISUAL.

É dentro desse processo de discussão de campo autônomo do Cinema e Audiovisual, que vemos surgir a retomada de movimentos pela criação dos novos cursos em todo país. Este fato se deve também às políticas do Governo Federal e de governos estaduais e municipais, que têm implementado programas de fomento à produção e à circulação, resultando num conjunto de ações que vêm estimulando um circuito de produção no cinema e audiovisual, assim como tem sido com as ações de mesma natureza de grandes empresas e bancos estatais e outras de iniciativas privadas, como os que têm sido realizadas pelas emissoras de televisão em consórcio com produtoras. Esses programas de fomento à produção podem ser verificados mais notadamente dos editais do BNDES, da Petrobrás Cultural; do prêmio BNB de Cultura; do Prêmio Sérgio Motta; do prêmio Funarte; do prêmio do Itaú Cultural, etc. O próprio BNB, em sua carteira para fomento do audiovisual, aumentou significativamente seus recursos pela quantidade de produção realizada na Paraíba.

Ao tomarmos a experiência de formação na área do Cinema e do Audiovisual de outros países, constatamos que o Brasil tem um enorme *déficit* neste campo. Tomemos como exemplo a Argentina, nosso vizinho. Segundo dados levantados pela pesquisadora Maria do Rosário Caetano da *Revista de Cinema*, a Argentina, país com 38 milhões de habitantes, tem cerca de 15.000 alunos matriculados em escolas de cinema ou audiovisual. No Brasil, com uma população superior quatro vezes mais, com 170 milhões de habitantes, mantém em funcionamento apenas 18 cursos, em escolas públicas e privadas, que atendem a cerca cinco mil alunos.

Este é um dado que deixa o Brasil aquém de suas necessidades em termos de formação superior na área, que cresce a cada ano. E ainda mais com o desenvolvimento da TV Digital, que vai necessitar de conteúdo para sua crescente demanda. As escolas de Cinema no Brasil estão instaladas na USP (São

Paulo), UFF (Niterói), UFMG (Belo Horizonte), UnB (Brasília), FAAP (São Paulo), UFSCar (São Carlos) e UniSul (Florianópolis), e na nossa região aparecem recentemente a UFBA, a UFPE e a UFC, estados nordestinos que têm assim como a Paraíba têm um movimento audiovisual forte.

Na Paraíba, nesses últimos anos, têm sido freqüentes as tentativas de atender a uma demanda de formação, mas apenas com cursos de extensão ou de formação básica, embora nem sempre regular. O NUDOC – Núcleo de Documentação Cinematográfica, da UFPB, já realizou vários cursos em parceria com o Atelier de Cinema Direto de Paris; mais recentemente a UFPB, em parceria com o Ministério da Cultura, da Funesc, Funjope e Parai' wa, criou o NPD – Núcleo de Produção Digital. Despontam também cursos realizados pelos Pontos de Cultura com cursos básicos.

No Estado cresce um movimento importante do audiovisual, com a criação de novos Pontos de Cultura e Pontões, Ongs, Salas de Cinema, produzindo uma relação com os movimentos da sociedade para formação e produção na área do cinema e do audiovisual. Boa parte da produção dessas organizações vem sendo absorvida pelas televisões públicas. Outra parte deságua nos festivais, que são hoje centenas deles no Brasil e milhares no mundo inteiro. Apenas para tomar uma referência local, temos há mais de nove anos o Festival Aruanda, mantido pela UFPB, o Cineport, mantido pela Energisa, e vários festivais em Campina Grande, Patos e Souza, cajazeiras e outras cidades de nosso Estado.

Em dados econômicos a Ancine (Agência Nacional do Cinema), mostrou um balanço geral do mercado de cinema no Brasil no ano de 2010. O ano registrou um público total de 134.364.520 espectadores e renda de R\$1.256.550.704,09. Isto representa o maior público desde 1982 e, em comparação com 2009, o aumento de público foi de 19,24% e o aumento de renda foi de 29,57%.

Todo esse contexto de crescimento vertiginoso da produção do cinema e do audiovisual, não apenas na Paraíba e no Brasil, mas como um fenômeno

mundial, dentro de uma indústria do entretenimento, não deixa dúvidas da necessidade de buscarmos reverter o quadro em que nos encontramos em termos de formação. Mais uma vez, constata-se que ou há um investimento sério na área de produção de conhecimentos ou estamos fadados a nos tornarmos meros consumidores dos produtos audiovisuais e cinematográficos que chegam de outros territórios, distantes de nossa cultura.

No nosso caso, da UFPB, a formulação de um Projeto Pedagógico para o curso de CINEMA E AUDIOVISUAL ancora-se em dois pressupostos básicos e fundamentais: o crescimento do mercado local dos profissionais na área do cinema e do audiovisual, ocorrido de forma evidente nas últimas duas décadas, e, dentro da instituição, mediante intensivo processo de fomento à capacitação, um aprimoramento da comunidade dos docentes desta universidade, instrumentalizados nos novos conhecimentos e no debate crítico que alicerçam hoje o campo comunicativo em todo o mundo, sob os impactos da comunicação digital.

Com respeito ao mercado local dos profissionais do audiovisual, fortaleceu-se nas últimas décadas na Paraíba uma tendência predominante em todo o mundo, de expansão dos sistemas de produção e exibição, culminando com a informatização dos meios e a adoção de novas ferramentas que propiciam o fenômeno da digitalização. Todo esse contexto de crescimento vertiginoso da produção do cinema e do audiovisual, não apenas na Paraíba e no Brasil, mas como um fenômeno mundial, não deixa dúvidas da necessidade de revertermos o quadro de desolação em que nos encontramos em termos de formação. Mais uma vez, constata-se que ou há um investimento sério na área de produção de conhecimentos ou estamos fadados a serem meros consumidores dos produtos audiovisuais e cinematográficos que chegam de outros territórios alheios aos nossos acentos culturais.

De fato, as tecnologias digitais impõem um novo cenário de trabalho aos que fazem cinema e audiovisual, exigindo desses profissionais novas habilidades. Assim, o projeto político-pedagógico no qual está baseada a proposta para o

bacharelado em Cinema e Audiovisual busca também responder às exigências nascidas com as novas condições profissionais da sociedade digital, definida como a sociedade que cresce sob o signo da interconexão e da inter-relação em escala planetária. A digitalização alterou significativamente o campo comunicacional, suas práxis e produtos nas diversas habilitações.

Cinema e Audiovisual

As tecnologias digitais acarretaram mudanças no fazer cinematográfico no que tange às rotinas produtivas, à elaboração de produtos que atendam aos novos suportes midiáticos e às novas formas de interação entre os produtores e usuários.

Ao apresentar proposta pedagógica e curricular buscando a formação de um jornalista apto a atuar nas diferentes mídias e preparado para os desafios tecnológicos, também se destaca neste projeto a formação de um profissional crítico, capaz de refletir sobre a importância da ética e da responsabilidade social nesse contexto eletrônico-digital, de modo a possibilitar que o bacharel em Cinema e Audiovisual ultrapasse os aspectos utilitários da tecnologia, estabelecendo as interações entre o cinema e a sociedade, a comunicação, a cultura e o conhecimento dos processos midiáticos contemporâneos.

Ressalte-se ainda, um crescente mercado do cinema e do audiovisual, com o advento da TV Digital, que multiplicará o número de canais, necessitará de grande produção de conteúdo, absorvendo uma emergente produção de profissionais *freelancers*.

No âmbito dos pressupostos para o curso de Cinema e Audiovisual, um dinâmico ambiente de trabalho tornou premente a formação em bases também dinâmicas e atuais, ensejando técnicas de linguagens de cinema e audiovisual consonantes com uma fundamentação contemporânea na área, necessárias e imprescindíveis para uma atuação eficaz de profissionais egressos do Curso.

O curso de Cinema e Audiovisual deverá absorver os avanços no campo das mídias audiovisuais, os impactos tecnológicos e suas mudanças na produção,

armazenamento e disseminação de conteúdos, produtos e processos digitais da comunicação audiovisual contemporânea. Deve também focar-se nos diferentes modos de produção, construção e recepção audiovisual, levando em conta as demandas e transformações do próprio mercado audiovisual brasileiro e mundial, afetado diretamente pela dinâmica dos processos tecnológicos e convergências midiáticas, que também estão igualmente em constante transformação. Esse mercado audiovisual exige um perfil profissional que possa intervir de forma crítica e transformadora nessa realidade. Vale destacar que, neste ambiente, as mídias audiovisuais digitais, com suas estruturas autônomas e interligadas, desempenham papel relevante em contextos sociais específicos, visto que as noções de espaço e tempo se modificam com base em referenciais como velocidade, instantaneidade e imaterialidade.

Com respeito ao segundo pressuposto desta justificativa, ou seja, a capacitação docente, verificou-se nas últimas décadas um interesse crescente e consequente na formação em cursos de pós-graduação nacionais e internacionais nas áreas da comunicação e semiótica, comunicação e antropologia visual, especialidades do cinema, do jornalismo, comunicação e culturas audiovisuais, mídias e processos digitais da comunicação, comunicação, cultura e desenvolvimento regional, entre outras. Caracteriza-se, assim, um quadro disciplinar capaz de acompanhar os novos modos de fazer comunicação aplicada e, ao mesmo tempo, refletir teórica e conceitualmente sobre os campos comunicativos da cibercultura, comunicação digital, mídias impressas e audiovisuais, comunicação global e comunitária, bem como as disciplinas ocupadas com as especificidades da prática comunicativa em suas mídias particulares.

3. MARCO TEÓRICO METODOLÓGICO

O século XX marcou, no Ocidente, a constituição do campo da comunicação, envolvendo o incremento da chamada era audiovisual, assim como o debate teórico com respeito ao estabelecimento dessa jovem ciência como um campo de saber autônomo, com um recorte epistemológico inter e multidisciplinar. A contemporaneidade, marcada pelos chamados processos digitais da informação, alicerçados no modelo de desenvolvimento tecnológico, impõe aos cursos de formação profissional, a necessidade permanente de revisão e atualização da reflexão teórica com respeito ao fazer comunicativo, bem como no que se refere aos impactos da esfera midiática no cotidiano dos indivíduos e grupos sociais.

Nesse sentido, definir com precisão o objeto de uma ciência tão jovem e ao mesmo tempo tão complexa não é tarefa fácil. Apesar da dificuldade apresentada, entendem-se como objetos da comunicação a produção simbólica e a análise dos processos comunicacionais nas sociedades. Envolve também, a compreensão sobre a propriedade dos meios, o modo como esta se estrutura a partir da lógica do capitalismo financeiro oligopolista. Esse objeto se organiza levando em conta a potencialidade de interação entre linguagens e técnicas, na realidade das hipermídias. A digitalização da informação sedimenta um campo híbrido, colaborativo, para onde convergem práticas, linguagens, configurando assim, um cenário teórico-prático em permanente mutação. Esse cenário exige, pois, reflexões que possam apreender, na malha conceitual, algo dessa realidade, conforme ressalta Muniz Sodré (2002, p. 239), ao discutir a autonomização do campo comunicativo como objeto teórico, e ao precisar os novos potenciais cognitivos que a realidade midiática enseja.

O campo comunicacional onde se evidenciam novas estratégias de gestão da vida social e onde o ator social não é mais o "performer" do "teatro" social, como na sociologia clássica, e sim de uma máquina semiótica simuladora do mundo, oferece-se como plataforma para um novo tipo de reflexão sobre o homem e sobre a organização social. É verdade que este campo assemelha-se ao de todas as outras instituições sociais, que se desenvolvem dentro da própria realidade que ajudam a criar e a administrar, mas com uma diferença: a mídia vive do discurso que faz sobre sua própria simulação das outras realidades.

Em termos cognitivos, o campo impõe-se ao mesmo tempo como evento indicativo da ruptura que a filosofia analítica contemporânea opera com a tradição fenomenológica: "não são mais as questões da relação entre sujeito e o objeto nem da intersubjetividade que são essenciais, são as da linguagem, da produção da argumentação, das condições de verdade da enunciação e das modalidades da compreensão". A "objetividade" comunicacional é puro discurso.

O comunicador, além da competência nos campos teóricos e técnicos da sua formação, deve ser instrumentalizado para o cumprimento do seu papel de cidadão, capacitando-se não para uma mera reprodução do saber adquirido, mas antes, tornando-se apto a observar, associar, refletir e atuar de forma competente como um mediador, produtor de sentidos, na tradução dos fatos da realidade onde se encontra inserido.

Assim, devem-se adotar posturas pedagógicas que o capacitem a ser um mediador social, baseadas nas seguintes premissas:

- refletir a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais da área;
- capacitar o egresso na perspectiva de ser agente e construtor de seu processo de formação de modo a acompanhar a complexidade e velocidade das mudanças do mundo contemporâneo;
- fornecer repertório teórico-metodológico que o torne um leitor crítico da realidade, levando-o a avançar na produção de conhecimentos que respondam aos desafios do universo de sua atuação;
- assegurar uma formação genérico-especializada no campo do cinema e do audiovisual;
- formar o egresso do curso com visão universalista e particularizada do campo da comunicação (Cinema e Audiovisual), de modo que possa atuar na sua área fundamentado em conteúdos teóricos e metodológicos que lhes sejam comuns;
- capacitar para leituras multidisciplinares do campo da comunicação, do cinema e do audiovisual;
- ter visão complexa da natureza dos processos comunicacionais, compreendendo-os a partir das suas relações com os processos sociais que os originam e com outras áreas do conhecimento que os tangenciam;
- promover a integração do instrumental teórico-prático;

- proporcionar a utilização de procedimentos pedagógicos que sejam capazes de estabelecer uma relação efetiva entre teoria e prática, buscando estabelecer o equilíbrio entre o saber e o fazer;
- contribuir para a formação ético-política do exercício da profissão.

O Projeto Pedagógico, ao agregar metodologias, conteúdos teóricos, incremento de técnicas e práticas apoiadas na flexibilização de saberes, visa capacitar o profissional do Cinema e do Audiovisual a uma intervenção social que apreenda, no seu fazer cotidiano, a realidade global e suas especificidades regionais e locais, contribuindo assim, na constituição de políticas voltadas ao desenvolvimento regional.

Este deve ser um dos parâmetros norteadores da formação profissional no Curso de Comunicação Social, que se pauta em orientações nacionais e nas normas da UFPB, através da Resolução 34/2004 do CONSEPE.

4. OBJETIVOS

O Curso de Bacharelado de Cinema e Audiovisual visa a formação de profissionais e de artistas-realizadores da área da cinematografia e das diferentes mídias e suportes audiovisuais, para atuação em pesquisa, realização e análise de meios cinematográficos e audiovisuais. Portanto, dentro de um campo amplo que inclui o experimento com as novas linguagens que surgem a partir do desenvolvimento, mas principalmente, a criação de novas linguagens, tanto como as que dialogam com as artes visuais quanto as que surgem de inovações tecnológicas.

- **Objetivo Geral:**

Oferecer aos estudantes uma formação sólida no campo do audiovisual em suas múltiplas dimensões – histórica, estética, teórico-metodológica, tecnico-midiática –

capacitando-os para estabelecer relações entre o pensamento epistemológico e a mediação dos discursos simbólicos refletidos pelo universo social.

• **Objetivos Específicos:**

→ Propiciar ao estudante de Cinema e Audiovisual uma formação integrada em Comunicação atendendo às exigências das condições profissionais da sociedade digital;

→ garantir, na formação do estudante, o compromisso ético e social com sua prática profissional;

→ integrar o ensino, a pesquisa e extensão como instâncias de um mesmo processo de construção do conhecimento nas habilitações do curso;

→ apoiar iniciativas multidisciplinares que fortaleçam uma compreensão transversal do campo comunicativo nas suas perspectivas contemporâneas.

→ fortalecer os vínculos entre a formação acadêmica e o mercado profissional.

5. PERFIL DO EGRESSO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

O egresso do Curso de Cinema e Audiovisual deve ser um profissional capaz de produzir, analisar e disseminar processos comunicacionais nos diversos campos midiáticos, numa perspectiva multidisciplinar, considerando a complexidade do contexto em que tais processos estão inseridos.

O egresso do curso de Cinema e Audiovisual deve estar capacitado nas seguintes áreas:

a) Técnica e formação profissional - voltada para a formação prática, habilita o aluno a atuar profissionalmente nas áreas de Direção, Fotografia, Roteiro, Produção, Som, Edição\Montagem, Cenografia e Figurino, Animação e Infografia.

b) Realização em cinema e audiovisual - voltada para o desenvolvimento de projetos de produção de obras de diferentes gêneros e formatos, destinados à veiculação nas mídias contemporâneas.

c) Teoria, análise e crítica do cinema e do audiovisual - voltada para a pesquisa acadêmica nos campos da história, da estética, da crítica e da preservação.

d) Economia e política do cinema e do audiovisual - voltada para a gestão e a produção, a distribuição e a exibição, as políticas públicas para o setor, a legislação, a organização de mostras, cineclubes e acervos e as questões oriundas do campo ético e político.

6. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES GERAIS

As competências e as habilidades desejadas, integrantes do perfil profissional citado acima, são as seguintes:

1. assimilar criticamente conceitos que permitam a apreensão e a formulação de teorias;
2. empregar tais conceitos e teorias em análises críticas da realidade, posicionando-se segundo pontos de vista ético-políticos;
3. deter um conjunto significativo de conhecimentos e de informações na área, importantes para a realização de produtos audiovisuais;
4. dominar as linguagens audiovisuais, experimentar e inovar no seu uso;
5. dominar os processos de produção, gestão e interpretação audiovisuais, em sua perspectiva de atualização tecnológica.
6. refletir criticamente sobre sua prática profissional;
7. resolver problemas profissionais de sua área de atuação, formulando alternativas factuais e conceituais diante de questões concretas surgidas na área.
8. saber trabalhar em equipe, desenvolvendo relações que facilitem a realização coletiva de um produto.

7. CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A área de atuação do egresso do curso de Cinema e Audiovisual é cada vez mais ampla e sua ação se conecta a muitas as áreas do conhecimento.

Assim, o egresso do curso de Cinema e Audiovisual terá um papel importante como agente de invenção e transformação das ferramentas tecnológicas, mas, sobretudo, de produzir a inversão das lógicas dominantes, que operam não apenas, mas, sobretudo, com fins sociais, onde as relações humanas devam se dar em práticas de inserção solidárias.

O curso de Cinema e Audiovisual vai criar as condições necessárias para que os que dele ingressem possam:

1. Ter domínio das técnicas e formação prática, que habilita o aluno para atuar profissionalmente como Realizador de Cinema e Audiovisual, com atuação nas áreas de Direção, Roteiro e Edição-Montagem e tenham noções básicas em outras áreas, tais como a Produção, o Som, Fotografia, Infografia, Cenografia e Figurino.

2. Ter domínio em Realização em Cinema e Audiovisual, voltado para o desenvolvimento de projetos de produção de obras de diferentes gêneros e formatos, destinadas à veiculação nas mídias contemporâneas.

3. Ser capaz de analisar, realizar a crítica e formular conceitos no campo teórico, podendo realizar a pesquisa acadêmica nos campos das teorias do cinema, das artes e da estética.

8. ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Curso de graduação em Cinema e Audiovisual deve contemplar objetivamente a realização de estágios curriculares supervisionados, importantes para a dinâmica do currículo, com vistas à implementação do perfil desejado para a formação nas habilitações de Cinema e Audiovisual, conforme o Art. 8 da Resolução 07/2010/CONSEPE –UFPB, que afirma que o *Estágio Supervisionado* constitui-se em aprendizagem social, profissional e cultural, desdobrados em

momentos de observação e interlocução com a realidade profissional; e iniciação e intervenção para o exercício profissional.

Dir-se-á, então, que estágio supervisionado é um componente básico profissional obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados inerentes ao perfil do egresso, devendo orientar-se por meio do regulamento de estágio, com suas diferentes modalidades de operacionalização.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES FLEXÍVEIS

Compõe também a formação do aluno as atividades complementares flexíveis constituídas de atividades como seminários, congressos, colóquios, oficinas, projetos de iniciação ao ensino e a pesquisa, atividades de extensão, estágios extracurriculares, produção técnica ou científica e disciplinas de áreas a fins, no termos da resolução 07/2010 do CONSEPE.

9. METODOLOGIA E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação do Curso de Cinema e Audiovisual é um processo contínuo e coletivo, respeitando-se as especificidades de cada atividade pedagógica, bem como as particularidades do processo de elaboração do conhecimento dos discentes e as propostas pedagógicas.

Neste sentido, propõe-se um sistema integrado de avaliação do Curso e das atividades pedagógicas, de acordo com os objetivos do Curso e perfil do egresso, que permita o aperfeiçoamento constante do profissional desejado, considerando os seguintes elementos básicos:

- A avaliação das atividades acadêmicas deve permitir a articulação entre as etapas do processo pedagógico, orientada pelos objetivos do curso e o perfil esperado do egresso;

- Os instrumentos de avaliação devem apresentar com clareza os objetivos do processo;
- Apresentação e discussão, junto ao corpo docente e discente, as etapas do processo de avaliação e seus resultados, a fim construir novas propostas e caminhos para superação das dificuldades;
- Ampla divulgação do relatório final do processo de avaliação.

Inicialmente a avaliação ocorrerá ao final de cada período letivo, envolvendo alunos, professores e equipe técnico-administrativa. Os resultados da avaliação serão apresentados às instâncias Departamentais e posteriormente ao Conselho de Centro, ao qual o curso está vinculado, para os ajustes necessários a serem implantados no Projeto Pedagógico do Curso em época oportuna.

Além da avaliação interna promovida pelo Colegiado, acontecerão avaliações institucionais promovidas pela Universidade Federal da Paraíba e pelo Ministério da Educação, através do Núcleo Docente Estruturante – NDE (Portaria MEC nº 147/2007), que é um conjunto de professores, de elevada formação e titulação, contratados em tempo integral, que respondem mais diretamente pela criação, implantação e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso.

10. SISTEMÁTICA DE CONCRETIZAÇÃO DO PPC

A infra-estrutura do Departamento de Comunicação permite a instalação em suas dependências o novo curso. Está sendo construído novo prédio que abrigará as atividades de ensino e a instalação de novos laboratórios, além do compartilhamento com o curso de Rádio e TV.

Haverá a necessidade de adaptação destes espaços para alocação dos novos equipamentos a serem adquiridos. A seguir os laboratórios necessários para a implementação do PPC.

Laboratórios - Cinema e Audiovisual

Laboratórios Compartilhados - Infraestrutura disponível

Estúdio de TV (Equipado) - Compartilhado com Jornalismo, Rádio e TV e Pólo Multimídia

Laboratório de Fotografia Digital (Equipado) - Compartilhado com Rádio e TV

Laboratórios de Informática (Equipados) Compartilhado com Jornalismo, Rádio e TV

Laboratório de Rádio (Equipado) Compartilhado com Jornalismo, Rádio e TV, Cinema e Audiovisual.

Laboratórios Específicos

Laboratório de Edição Audiovisual

Descrição: Laboratório direcionado para o desenvolvimento de práticas acadêmicas. Edição de conteúdos criativos para diferentes mídias audiovisuais (Vídeo, cinema, internet, dispositivos móveis e games).

Quantidade | 03 (três) Laboratórios | Vinte Máquinas equipadas em cada Laboratório com programas e detalhamentos técnicos específicos| Prazo de implantação de forma escalonada:

(Primeiro Laboratório) – Primeiro Ano de Curso - Primeiro Semestre após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

(Segundo Laboratório) - Segundo Ano de Curso – Primeiro Semestre após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

(Terceiro Laboratório) – Terceiro Ano de Curso - Primeiro Semestre após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS

Laboratório de Pós-produção Audiovisual e Cinema

Descrição: Laboratório acadêmico composto 08 cabines individuais com tratamento e isolamento acústicos dotados de equipamentos para finalização profissional de diferentes produtos acadêmicos audiovisuais. Uma das cabines deve possuir uma área maior de modo de permita o acompanhamento de trabalhos por grupos de 10 pessoas incluindo um técnico de Edição e um professor. O Laboratório de pós-produção atende a uma demanda de Edição de

produções mais complexas realizadas nos dois últimos anos do curso e que requerem uma Edição mais elaborada.

Quantidade | 01 Um Laboratório Prazo de implantação: Terceiro Ano de Curso – Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Laboratório de Captação e Processamentos de Áudio

Descrição: Espaço laboratorial de formação acadêmica voltado para o desenvolvimento de práticas de captação e processamento de Áudio para trabalhos em diferentes formatos audiovisuais. Gravações de ruídos de sala, dublagens ou locuções.

Pós-produção: Mixagem e desenho de som de produtos audiovisuais em diferentes formatos. Quantidade | 01 Um Laboratório Prazo de implantação: Segundo Ano de Curso - Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Estúdio de Iluminação

Espaço laboratorial destinado ao desenvolvimento de experimentos com iluminação em fotografia, cinema e audiovisual. Desenvolvimento de estudos aplicados de luz para diferentes formatos audiovisuais. Pesquisa aplicadas de Luz (Projetos de iluminação artificial | NATURAL)

Quantidade | 01 Um Laboratório Prazo de implantação: Primeiro Ano de Curso - - Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Laboratório de Vídeo Educativo

Descrição: Espaço laboratorial para desenvolvimento de materiais audiovisuais educativos em diferentes formatos.

Quantidade | 01 Um Laboratório Prazo de implantação: Primeiro Ano de Curso - Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Práticas Experimentais em novas mídias

Laboratório de criação, produção e experimentações em novas mídias audiovisuais.

Tecnopráticas: criação em rede, mídias portáteis, vídeoexperimental. Práticas digitais audiovisuais. - Dessimbolização. Design digital. Desenvolvimento de diferentes práticas experimentais em Arte e Mídia. Criação e cruzamento de linguagens. Atua em sincronia com o Laboratório de Produção Multimídia.

Quantidade | 01 Um Laboratório - Prazo de implantação: Terceiro Ano de Curso - Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Laboratório de Produção Multimídia

Desenvolvimento de propostas multimídia. Apesar de sua especificidade - quanto ao planejamento, produção e criação de propostas multimídia, poderá atuar sempre em sincronia com os Laboratórios de Vídeo Educativo e Práticas Experimentais em novas mídias.

Quantidade |01 Um Laboratório Prazo de implantação: Terceiro Ano de Curso - Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Sala Multimeios (projeção – já prevista no novo prédio)

Sala específica de projeção audiovisual equipada para apresentação dos trabalhos do Curso de Cinema e Audiovisual.

Quantidade |01 Uma Sala Prazo de implantação: Primeiro Ano de Curso - Após a autorização e realização do primeiro vestibular ou entrada pelo ENEM | PSS.

Cronograma de Implantação dos Laboratórios e Recursos Humanos

PRIMEIRO ANO DE FUNCIONAMENTO

Laboratório de Edição Audiovisual - Primeiro Laboratório

Sala Multimeios

Laboratório de Vídeo Educativo

Estúdio de Iluminação

Recursos Humanos

Concurso Público para DOIS Professores

Áreas | Iluminação | Direção |

Concurso Público| Contratação 01 Técnico Audiovisual – Área (Iluminação)

Aquisição Equipamentos

SEGUNDO ANO DE FUNCIONAMENTO

Laboratório de Edição Audiovisual - Segundo Laboratório

Laboratório de Captação e Processamento de Áudio

Recursos Humanos

Concurso Público Para DOIS Professores- Áreas |Edição | Produção |

Concurso Público| Contratação 02 Técnicos em Audiovisual – Áreas (Edição e Assistente de Estúdio)

Aquisição Equipamentos

TERCEIRO ANO DE FUNCIONAMENTO

Laboratório de Edição Audiovisual - Terceiro Laboratório

Laboratório de Produção Multimídia

Práticas Experimentais em novas mídias

Recursos Humanos

Concurso Público para Três Professores - Áreas |DEFINIR |

Concurso Público | Contratação 01 Técnico em Audiovisual – Área (Produção)

QUARTO ANO DE FUNCIONAMENTO

Recursos Humanos

Concurso Público Para UM Professor - Área |DEFINIR

Aquisição Equipamentos

Lista de Equipamentos Específicos - Cinema e Audiovisual

20 | câmeras digitais de vídeo alta definição (profissionais)

Equipamentos de captação de som (Externo e Estúdio)

Equipamentos completos de Iluminação | Externas | Estúdio|

Acessórios de gravação e Equipamentos para finalização audiovisual

30 |Máquinas Fotográficas Digitais

Recursos Humanos especializados

Assistentes de Estúdio

Assistentes de Iluminação

Assistentes de Gravação

Assistentes de Pós- Produção

Professores com formação profissional especializada (Fotografia, Direção de Arte, Iluminação, Edição)

COMPOSIÇÃO CURRICULAR

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

1. CONTEÚDOS BÁSICOS PROFISSIONAIS

1.1 CONTEÚDOS BÁSICOS

DISCIPLINA	CREDITOS	CH	PRÉ-REQUISITO
TEORIAS DO CINEMA	4	60	
HISTÓRIA DO CINEMA	4	60	
LEGISLAÇÃO E ÉTICA DO AUDIOVISUAL	4	60	
ESTÉTICA E LINGUAGEM DO AUDIOVISUAL	4	60	
CINEMA BRASILEIRO	4	60	HISTÓRIA DO CINEMA
CINEMA PARAIBANO	4	60	CINEMA BRASILEIRO
ANÁLISE FÍLMICA	4	60	GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS
GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS	4	60	
CRÍTICA CINEMATOGRAFICA	4	60	ANÁLISE FÍLMICA
FICÇÃO SERIADA E LITERATURA	4	60	CRÍTICA CINEMATOGRAFICA
GESTÃO DE PRODUÇÃO DE CINEMA E AUDIOVISUAL	4	60	
→ SUB-TOTAL	44	660	

1.2 CONTEÚDOS PROFISSIONAIS

DISCIPLINA	CREDITOS	CH	PRÉ-REQUISITO
FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO	4	60	
ILUMINAÇÃO	4	60	FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFICA	4	60	FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO
DESENHO DE SOM	4	60	
EDIÇÃO E MONTAGEM I	4	60	
DRAMATURGIA	4	60	
ROTEIRO	4	60	DRAMATURGIA
EDIÇÃO E MONTAGEM II	4	60	EDIÇÃO E MONTAGEM I
DIREÇÃO DE ARTE	4	60	
REALIZAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO	4	60	
DIREÇÃO DE CINEMA E AUDIOVISUAL	4	60	
REALIZAÇÃO DE FILME	4	60	
→ SUB-TOTAL	48	720	

1.3 ESTÁGIO CURRICULAR

DISCIPLINA	CREDITOS	CH	PRÉ-REQUISITO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	5	75	EDIÇÃO E MONTAGEM I
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	5	75	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I
ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	5	75	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	5	75	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III
→ SUB-TOTAL	20	300	

2. CONTEÚDOS COMPLEMENTARES ESPECÍFICOS

2.1 CONTEÚDOS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIOS

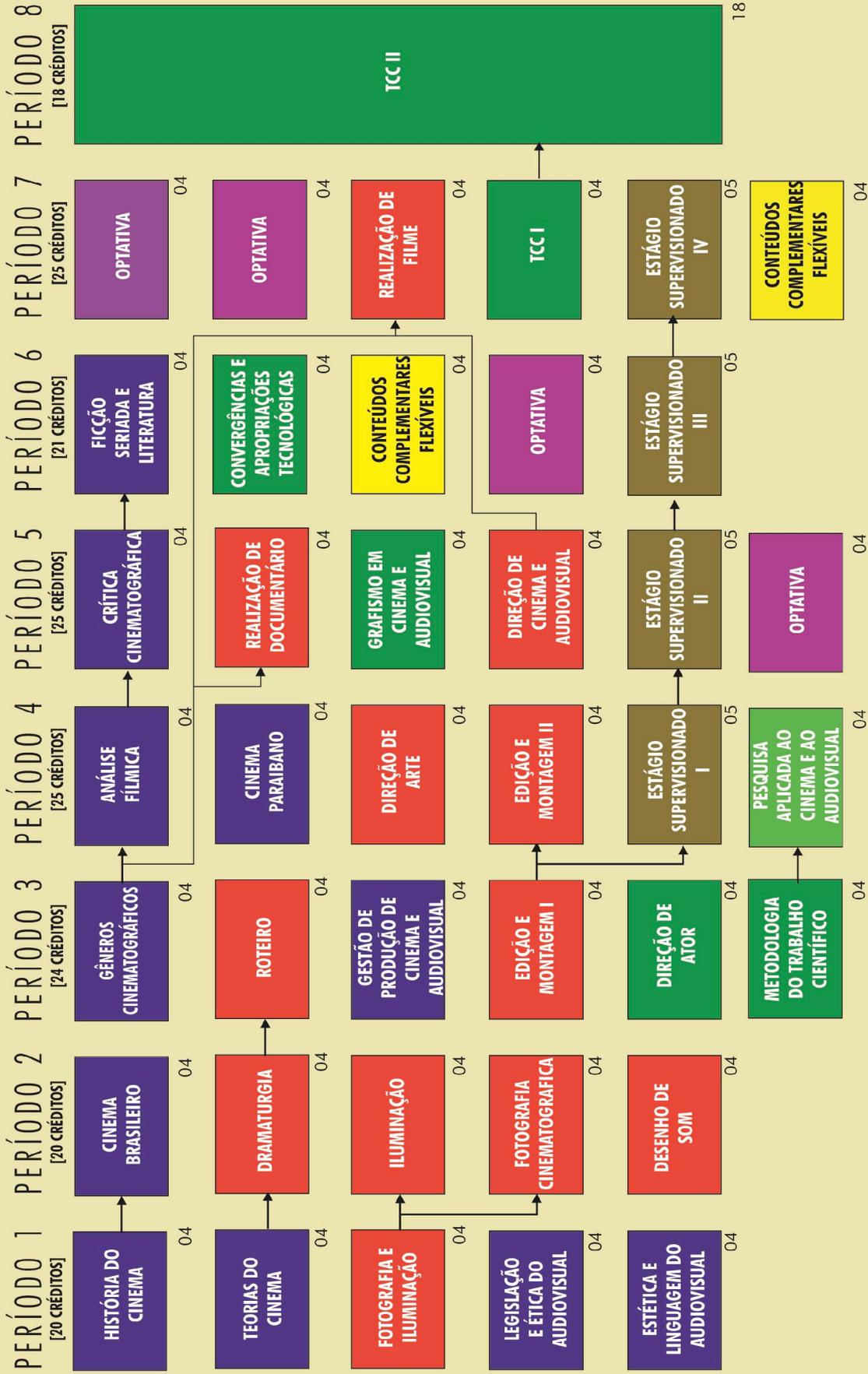
DISCIPLINA	CREDITO	CH	PRÉ-REQUISITO
PESQ APLIC AO CINEMA E AO AUDIOVISUAL	4	60	
METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTIFICO	4	60	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO I	4	60	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO II	18	270	
CONVERGENCIAS E APLICAÇÕES TECNOLÓG	4	60	
GRAFISMO EM CINEMA E AUDIOVISUAL	4	60	
DIREÇÃO DE ATOR	4	60	
→ SUB-TOTAL	42	630	

2.2 CONTEÚDOS COMPLEMENTARES OBRIGATORIOS (MINIMO 16 CRED/240 CH)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

FLUXOGRAMA CINEMA E AUDIOVISUAL



- Conteúdos Básicos
- Conteúdos Profissionais
- Conteúdos Complementares Obrigatórios
- Estágio Curricular
- Conteúdos Complementares Flexíveis (denominados de Tópicos Especiais em Cinema e Audiovisual I e II, desenvolvidos ao longo do curso)

1 crédito = 15 horas/aula.

DEPARTAMENTOS QUE OFERECEM AS DISCIPLINAS

CONTEÚDOS BÁSICOS	DEPARTAMENTO
TEORIAS DO CINEMA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
HISTÓRIA DO CINEMA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
LEGISLAÇÃO E ÉTICA DO AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ESTÉTICA E LINGUAGEM DO AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CINEMA BRASILEIRO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CINEMA PARAIBANO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ANÁLISE FÍLMICA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CRÍTICA CINEMATOGRAFICA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
FICÇÃO SERIADA E LITERATURA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
GESTÃO DE PRODUÇÃO DE CINEMA E AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CONTEÚDOS PROFISSIONALIZANTES	
FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ILUMINAÇÃO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFICA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
DESENHO DE SOM	COMUNICAÇÃO E TURISMO
EDIÇÃO E MONTAGEM I	COMUNICAÇÃO E TURISMO
DRAMATURGIA	ARTES CÊNICAS
ROTEIRO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
EDIÇÃO E MONTAGEM II	COMUNICAÇÃO E TURISMO
DIREÇÃO DE ARTE	COMUNICAÇÃO E TURISMO
REALIZAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
DIREÇÃO DE CINEMA E AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
REALIZAÇÃO DE FILME	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ESTÁGIO CURRICULAR	
ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CONTEÚDOS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIOS	
PESQ APLIC AO CINEMA E AO AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTIFICO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO I	COMUNICAÇÃO E TURISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO II	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CONVERGENCIAS E APLICAÇÕES TECNOLÓG	COMUNICAÇÃO E TURISMO
GRAFISMO EM CINEMA E AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
DIREÇÃO DE ATOR	ARTES CÊNICAS
CONTEÚDOS COMPLEMENTARES OPTATIVOS	
TEORIAS DA COMUNICAÇÃO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
ETNOGRAFIA E CINEMA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
TECNOLOGIAS DO AUDIOVISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
SEMIÓTICA DOS MEIOS AUDIOVISUAIS	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CINEMA E LITERATURA	COMUNICAÇÃO E TURISMO
TEORIA DA IMAGEM	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CINEMA E ANÁLISE DO DISCURSO	COMUNICAÇÃO E TURISMO
GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	COMUNICAÇÃO E TURISMO
CENOGRAFIA	ARTES CÊNICAS
ESTUDOS DE RECEPCÃO	COMUNICACAO E TURISMO

EMENTAS DAS DISCIPLINAS DE CINEMA E AUDIOVISUAL

Conteúdos básicos

TEORIAS DO CINEMA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Origens das teorias cinematográficas; A teoria do cinema da primeira época: cinema mudo; As teorias russas da montagem, o formalismo e a escola de Bakhtin; As teorias das vanguardas históricas; Teoria: fenomenologia e realismo; Teoria realista clássica e a influência de Brecht; O advento do estruturalismo no cinema e a mutação pós-estruturalista; A teoria cognitivista analítica; A teoria do cinema e a filosofia: o impacto de Deleuze; A teoria Queer; A teoria e o cinema pós-colonial; A teoria do pós-cinema: o digital e os novos meios; A pluralização das teorias do cinema.

ANDREW, J. Dudley. Teorias do cinema. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

ARISTARCO, Guido. Histórias das teorias do cinema. Lisboa: Arcádia, 1961, (Vol. I e II).

AUMONT Jacques. As teorias dos cineastas. Campinas, SP: Papyrus, 2004, (Coleção Campo Imagético) CASSETTI, Francesco. Teorias del cinema. Madri: Catedra, 1994, (Signo e Imagem).

RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). Teoria contemporânea do cinema – Documentário e narratividade ficcional. São Paulo: Editora Senac, 2005. (Vol. II).

RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). Teoria contemporânea do cinema – Pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: Editora Senac, 2005. (Vol. I).

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Campinas, SP: Papyrus, 2003, (Coleção Campo Imagético).

TUDOR, Andrew. Teorias do cinema. São Paulo: Martins Fontes, S/d, (Edições 70).

HISTÓRIA DO CINEMA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Precursores do audiovisual. Contribuições ocidentais para estabelecimento de uma história do audiovisual no mundo. Pioneiros e autores clássicos. O cinema do Leste Europeu. Os cinemas novos da

América Latina. História sucinta do cinema brasileiro. Quadro cronológico de principais escolas de repercussão mundial do cinema. Cinema e televisão em contextos históricos e geográficos distintos – um quadro evolutivo. O aparecimento do vídeo e outros suportes audiovisuais, contemporaneidade das criações artísticas e comunicacionais e o meio cultural. A herança radiofônica da televisão no ocidente. Correntes teóricas que conformam o campo do cinema, televisão e vídeo. Dificuldades de estabelecimento de uma história linear da cultura audiovisual. Empreendedores e artistas que estabeleceram as bases da cultura audiovisual moderna.

DEBRAY, Regis. *vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis: vozes, 1994.

FURTADO, Beatriz (Org.). *Imagem contemporânea: cinema, TV, documentário, fotografia, videoarte, games...* Vol.I. São Paulo: Hedra, 2009.

FURTADO, Beatriz (Org.). *Imagem contemporânea: cinema, TV, documentário, fotografia, videoarte, games...* Vol.II. São Paulo: Hedra, 2009.

PUCCI JUNIOR, Renato Luiz. *Cinema brasileiro pós-moderno: o neon-realismo*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SADOUL, Georges. *História do cinema mundial: das origens a nossos dias*. Vol. II. São Paulo: Martins, s/d.

STAM, Robert. *Introdução a teoria do cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

LEGISLAÇÃO E ÉTICA DO AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Ética, moral e deontologia. A questão do direito à comunicação – enquanto instrumento de construção da cidadania, com vistas à formação e regulamentação do profissional em comunicação – com fundamento numa ética que proporcione uma reflexão sobre a responsabilidade social do profissional de comunicação, o compromisso com os direitos humanos e o respeito à diversidade sócio-cultural. A legislação do audiovisual no Brasil. Direito do Autor.

BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na comunicação*. São Paulo: Moderna, 1995.

BERTRAND, Claude-Jean. *A deontologia das mídias*. São Paulo: Edusc, 1999.

BLÁZQUEZ, Niceto. *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2000.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 1994.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.

COMPARATO, Fábio K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.

CORNU, Daniel. *Ética da informação*. São Paulo, Edusc, 1998.

COSTA, Caio Túlio. *Ética, jornalismo e nova mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DUPAS, Gilberto. *Ética e poder na sociedade de informação*. São Paulo, Unesp, 2000.

KARAN, Francisco José. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus, 2004.

KARAN, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.

KOSOVSKI, Ester (Org.). *Ética na comunicação*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1995.

KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

NALINI, José R. *Ética geral e profissional*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1998.

SINGER, Peter. *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SUNG, Jung M.; SILVA, Josué Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis, Vozes, 1998.

TRASFERETTI, José. *Filosofia, ética e mídia*. São Paulo: Alínea, 2001.

VIEIRA, Liszt. *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro, Record, 1997.

ESTÉTICA E LINGUAGEM DO AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Constituição da linguagem cinematográfica. Técnicas e estética do discurso cinematográfico. Os narradores e focalizadores. Espaço e tempo cinematográficos. O personagem cinematográfico. O plano.

A fotografia no cinema. A montagem cinematográfica. Trilha sonora. Os movimentos cinematográficos. Principais correntes da teoria do cinema.

AUMONT, Jacques et. al. *A estética do filme*. Campinas: Papirus, 1995.
BETTON, Gerard. *Estética do cinema*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
EISENSTEIN, S. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
GENETTE, G. *O discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, s/d.
MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

CINEMA BRASILEIRO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

[PRÉ-REQUISITO: HISTÓRIA DO CINEMA]

Ementa: Evolução do cinema no Brasil: de Limite a Tropa de Elite. Os primeiros estúdios. Os grandes diretores. Os gêneros filmicos dos anos 40 e 50. As vanguardas cinematográficas. Embrafilme e as políticas pós-64. A crise dos anos 80 e 90. Leis de incentivo ao audiovisual. Festivais. Perspectivas para o século 21.

BERNARDET, Jean-Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. São Paulo, Annablume, 1995.
DIAS, Rosângela de Oliveira. *O mundo como chanchada: cinema e imaginário das classes populares na década de 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
RAMOS, Fernão (Org.). *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art, 1987.
RAMOS, José M. Ortiz. *Cinema, Estado e lutas ideológicas (anos 50/60/70)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
VIANY, Alex. *Introdução ao cinema brasileiro*. 3.ed. Rio de Janeiro, Revan, 1993.
XAVIER, Ismail. *O cinema brasileiro moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CINEMA PARAIBANO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

[PRÉ-REQUISITO: CINEMA BRASILEIRO]

A constituição do campo de estudo cinema paraibano e sua relação com o cinema nacional, os ciclos do cinema e sua relação com a descentralização das áreas de produção filmica, cinema paraibano e nordeste. Fases históricas de estudo do cinema paraibano - dos ciclos históricos à fase contemporânea. Autores e filmes.

LEAL, Wills "Cinema paraibano vol 1 e vol 2" Ed. do autor, João Pessoa, 2007.
NUNES FILHO, Pedro "Violentação do ritual cinematográfico", dissertação de mestrado IMESP - Sao Bernardo do Campo, 1989.
GOMES, João de Lima, "Terra distante", tese de doutorado. USP, 2004.
ANDRADE, Matheus, "O sertão é coisa de cinema", Ed. Marca de Fantasia, 2008, João Pessoa.

ANÁLISE FÍLMICA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

[PRÉ-REQUISITO: GÊNEROS CINEMATográfICOS]

Análise e interpretação do texto audiovisual. Tempo e espaço cinematográficos. Personagem. O narrador e a questão da focalização. Discurso informativo e discurso poético. Técnica, estética e produção de sentido. Estética da ficção cinematográfica. Estética do cinema documentário. O audiovisual e as interações entre linguagens. Leitura de obras específicas.

AUMONT, Jacques et. al. *A estética do filme*. Campinas: Papirus, 1995.
BRITO, João Batista de. *Imagens amadas*. São Paulo: Ateliê editorial, 1995.

GAUDREAU, André; JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
LOTMAN, Yuri. *Estética e semiótica do cinema*. Lisboa: Estampa, 1978.
MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela – modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2007.
VANOYE, François e GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papyrus, 1994.

GÊNEROS CINEMATOGRÁFICOS [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A noção de gêneros discursivos. Elementos constitutivos dos gêneros. Hibridização de gêneros. Os gêneros audiovisuais. Os gêneros audiovisuais e as mídias. A relação entre gênero e formato.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2002.
CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. Campinas: Papyrus, 1997.
BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
MICELI, Sérgio. *A noite da madrinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
JOST, François. *Seis Lições Sobre Televisão*. Porto Alegre, Sulina, 2004.
DUARTE, Elizabeth Barros; CASTRO, Maria Lilia Dias. *Comunicação Audiovisual: gêneros e formatos*. Porto Alegre, Sulina, 2006.
FREIRE FILHO, João. *A TV em transição*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

[PRÉ-REQUISITO: ANÁLISE FÍLMICA]

Aspectos de teoria e história da crítica cinematográfica. Crítica cinematográfica no Brasil. O discurso cinematográfico. O texto sobre o audiovisual: crítica jornalística, crítica acadêmica. Elaboração de textos críticos.

AUMONT, Jacques et. al. *A estética do filme*. Campinas: Papyrus, 1995.
BRITO, João Batista de. *Imagens amadas*. São Paulo: Ateliê editorial, 1995.
CANDIDO et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
GOMES, Paulo Emílio Sales (1996). *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
VANOYE, François e GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papyrus, 1994.
VIANNA, Antonio Moniz. *Um filme por dia – crítica de choque*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FICÇÃO SERIADA E LITERATURA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO] [PRÉ-REQUISITO: CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA]

O texto teleficcional e o texto literário. Cinema e teledramaturgia: processos de tradução intersemiótica. Gêneros literários. Formatos da ficção seriada. Adaptação como prática cultural e intertextual. Leitura comparada de textos adaptados.

BALOGH, Anna Maria. *Conjunções, Disjunções, Transmutações: da Literatura ao Cinema e à TV*. 2ªed. São Paulo: Annablume, 2005.
PELLEGRINI, T; JOHSON, R; XAVIER, I; GUIMARÃES, H; Aguiar, F. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
COSTA, M. C. C. *Ficção, comunicação e mídias*. Coord. Benjamim Abdala Junior, Isabel Maria M. Alexandre. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002 (Série Ponto Futuro; 12).
HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Santa Catarina: Edufsc, 2010.
STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: CORSEUIL, A. R. (Ed). *Ilha do desterro: Film Beyond Boundaries*. Florianópolis: UFSC, nº 51, Jul / Dez, 2006. p. 19-53.

GESTÃO DE PRODUÇÃO DE CINEMA E AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Introdução à produção audiovisual e análise das etapas de preparação, pré-produção, produção, pós-produção, finalização, e distribuição. Formação da equipe de produção e cargos, funções, atribuições e responsabilidades de cada membro em diferentes etapas de produção. Introdução a noções de contratos. Entendimento do mercado audiovisual. Noções de distribuição audiovisual no Brasil. Planejamento do desenvolvimento, formatação e apresentação de um projeto de obra audiovisual. Noções de captação de recursos.

CHIAVENATO, Idalberto. Teoria geral de administração. 2.ed. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1979.

DAVENPORT. T. H. , PRUSAK, Laurence. Ecologia da informação .São Paulo: Futura, 1998.

DRUCKER, Peter F. Introdução à administração. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

FREITAS, A.G. Introdução às teorias administrativas. Campinas: Alínea, 1998.

WEIL, P. Organização e tecnologia para o terceiro milênio; a nova cultura organizacional holística. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Conteúdos profissionais

FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Fotografia: Linguagem, técnica e estética. Transições do analógico ao digital. A imagem digital: conceitos e teorias. Gêneros fotográficos. Produção de fotografia digital: temática, locações e equipamentos. Captação digital (registro fotográfico). Tratamento e manipulação da imagem. Programas e sistemas de suporte. Desenvolvimento de projeto fotográfico. A luz. Equipamentos de iluminação. Técnica de iluminação.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1993.

ADAMS, Ansel. *A câmara*. São Paulo: SENAC, 2003.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, Philippe: *O Ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1993.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. *Impacto da fotografia digital no fotojornalismo*

diário: um estudo de caso. Florianópolis: UFSC, 2000. [Dissertação de mestrado]

GONZALEZ, Rafael C. *Processamento de imagens digitais*. São Paulo:

Addison-Wesley, 1993.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1999

RAMALHO, José. *Fotografia digital*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

KUBRUSLY, Cláudio A. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARQUES, Filho Ogê e VIEIRA, Neto Hugo. *Processamento digital de imagens*. Rio de Janeiro: Editora Brasport, 1999.

PREUSS, J. *A Fotografia Digital*. São Paulo: Axcel Books, 2003.

SANTOS, N. P. Teixeira dos. *A fotografia e o direito do autor*. São Paulo: LEUD, 1990.

ILUMINAÇÃO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS] [PRÉ-REQUISITO: FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO]

Teoria e prática da iluminação cênica. Princípios básicos de eletricidade. Observação e estudo dos efeitos luminosos e sua elaboração e aplicação e cênica. Projeto de iluminação.

DURÁN, J.J. *Iluminação para Vídeo e Cinema*. São Paulo: Edição do Autor, 1993

GAUNT, L. **Guia Prático das Objetivas**. Lisboa: Editorial Presença, 1978
KELLER, M.; WEISS, J. **Light Fantastic**: The Art and Design of Stage Lighting. New York: Prestel Publishing; 2000.
MALKIEWICZ, K, et alli. **Film Lighting**: Talks With Hollywood's Cinematographers and Gaffers, Simon & Schuster (Paper); Reissue edition 1999.
PILBROW, R.; PRINCE, H. **Stage Lighting Design**: The Art, the Craft, the Life. New York: Design Pr; 2000.
SALVATO, L. **Masters of Light**: Conversations With Contemporary Cinematographers by Dennis Schaefer. California: Reprint edition, University of California Press; 1986.
SHELLEY, S.L. **A Practical Guide to Stage Lighting**. London: Focal Press; 1999.
VIERA, J.; VIERA, D. **Lighting for Film and Electronic Cinematography**. Wadsworth: Pub Co. 1992.

FOTOGRAFIA CINEMATOGRÁFICA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO] [PRÉ-REQUISITO: FOTOGRAFIA E ILUMINAÇÃO]

Compreensão dos processos de produção em Cinema e Audiovisual relacionada à experimentação de linguagens através de produtos laboratoriais. A câmera de cinema analógica e digital. Técnicas de registro fotográfico. Assistência de câmera em cinema: apropriação e manipulação das câmeras de cinema e do audiovisual e seus acessórios; Cor, luz e fotometria; Uso de filtros; equipamentos de iluminação; tipos de filme. Estilos de iluminação, composição e intenção estética. Análise da fotografia no cinema e no audiovisual. A direção de fotografia enquanto autoria.

ADES, Eduardo e KAUFMAN, Mariana (org.). Luz em movimento a fotografia no cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2007.
ANDIÓN, Margarita Ledo. Cine de fotógrafos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.
ARONOVICH, Ricardo. Expor uma história – a fotografia do cinema. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
MOURA, Edgar. 50 anos luz câmera ação. São Paulo: Senac, 2001.
WATTS, Harris. Direção de câmera – um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

DESENHO DE SOM [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Paisagem sonora. Som e a narrativa fílmica. Música e cinema. Planejamento de áudio. Pesquisa e produção de efeitos sonoros. Gravação em estúdio e externas. Mixagem. Tecnologia voltada à produção de áudio para cinema.

BRESLIN, Jan Roberts. *Produção de imagem e som*. São Paulo: Campus, 2009.
HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis; BEINOIT, Philip. Rádio: Produção, programação e performance. Tradução da 8ª edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
KELLISON, Kathrine. O papel do designer de áudio. In: Produção e direção para TV e vídeo: uma abordagem prática. São Paulo: Campus, 2006. p241-251
LEAL, F. *Sonoplastia & desenho de som. Disponível em: www.francisco-leal.com. Acesso em: mai. 2008.
SCHAFER, Murray R. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
STEPHENSON, R.; DEBRIX, J. A quinta dimensão. O som. In: O cinema como arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p.165-193.

EDIÇÃO E MONTAGEM I [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Principais teorias e técnicas de montagem através da história do cinema. Relação entre roteiro, filmagem e montagem/edição. Preparação do material: seleção e organização. Decupagem. Montagem interna. O corte em movimento e em continuidade. Elipses. Ritmo. O uso dramático do som; a construção das pistas sonoras. Prática da montagem/edição.

AUGUSTO, Maria de Fátima. A montagem cinematográfica e a lógica das imagens. SP: Annablume, 2004.
ANDREW, Dudley. As principais teorias de cinema. Uma introdução. RJ: Zahar, 1989.
DANCYGER, Ken. Técnicas de edição para cinema e vídeo. RJ: Elsevier, 2003.
MOURÃO, Dora e LEONE, Eduardo. Cinema e montagem. SP: Brasiliense, 1987.
MURCH, Walter. Num piscar dos olhos. RJ: Zahar, 2004.

PUDOVKIN, V. I. Argumento e montagem no cinema. SP: Iris, s/d.
REISZ, Karel e MILLAR, Gavin. A técnica de montagem cinematográfica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Embrafilme, 1978. 419pp

EDIÇÃO E MONTAGEM II [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

[PRÉ-REQUISITO: EDIÇÃO E MONTAGEM I]

Preparação do material para telecinagem. Conversibilidade película-vídeo e película-vídeo-película. Uso de efeitos para cinema e TV. Montagem e arte gráfica. Opções de saída do material segundo as necessidades do processo. Prática de montagem.

DMYTRYK, Edward. On film editing. Boston: Focal Press, 1985.
GERBASE, Carlos. Impactos das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica. Porto Alegre: EDIPUCS, 2003.
JURGENSEN, Albert e BRUNET, Sophie. Pratique du montage. Paris: FEMIS, 1990
LEONE, Eduardo. Reflexões sobre a montagem cinematográfica. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
PINEL, Vincent. Le montage. L'espace et le temps du film. Paris: Cahiers du Cinéma, 2001.
ROBERTS, Charles. Edição de filmes com Final Cut Pro 4. RJ: Elsevier, 2004.
RODRIGUEZ, Ángel. A dimensão sonora da linguagem audiovisual. SP:Senac, 2006.
XAVIER, Ismail. A experiência no cinema. RJ: Graal, 1991.
XAVIER, Ismail. D.W. Griffith: O nascimento do cinema. SP: Brasiliense, 1984.
XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico. A opacidade e a transparência. SP: Paz e Terra, 2005.

DRAMATURGIA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

Características gerais da ficção. A ficção e a teoria dos gêneros (lírico, épico, dramático). Elementos de dramaturgia audiovisual: tema, enredo, estrutura dramática, ação dramática, progressão dramática, situação dramática. A personagem na obra audiovisual. Características e funções do diálogo. Principais espécies do gênero dramático: tragédia, comédia, tragicomédia, farsa, melodrama e suas subespécies. Análise de peças teatrais, roteiros e filmes.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. A poética clássica. SP, Cultrix, 1981.
BAKER, George Pierce. Dramatic technique. New York, Da Capo, 1978.
BARRY, Jackson G. Dramatic structure. The shaping of experience. Berkeley, Univ. of California, 1970.
BRAIT, Beth. A personagem. SP, Ática, 1985.
CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. SP, Perspectiva, 1976.
CLARK, Barret H. European theories of the drama. New York, Crown, 1975.
ESSLIN, Martin. Uma anatomia do drama. RJ, Zahar, 1977.
MENDES, Cleise Furtado. As estratégias do drama. Salvador, UFBa, 1995.
PALLOTTINI, Renata. Introdução à dramaturgia. SP, Ática, 1988.
_____. Dramaturgia. A construção do personagem. SP, Ática, 1989.
ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. SP, Desa, 1965.
SOURIAU, Etienne. As duzentas mil situações dramáticas. SP, Ática, 1993.

ROTEIRO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

[PRÉ-REQUISITO: DRAMATURGIA]

Discurso informativo e discurso ficcional. Ficção e mimesis. Técnica e estética do audiovisual. Personagem; narrador; focalização. Gêneros narrativos. O drama e suas espécies: tragédia, comédia, melodrama, farsa. Isotopias. Tempo e espaço narrativos. Adaptação cinema, literatura, tv. Técnicas de roteirização.

BRITO, João Batista de. *Imagens amadas*. São Paulo: Ateliê editorial, 1997.
CANDIDO et. Al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
EISENSTEIN, S. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
FILHO, Daniel. *O circo eletrônico – fazendo tv no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

- MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.
- PELLEGRINI, Tânia et al. *Literatura, cinema, televisão*. São Paulo: Editora Senac; Instituto Itaú Cultural, 2003.
- REY, Marcos. *O roteirista profissional – TV e cinema*. São Paulo: Ática, 2001.
- SARAIVA, Leandro e CANNITO, Newton. *Manual de roteiro – ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e tv*. São Paulo: Conrad Editora, 2004.
- XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

DIREÇÃO DE ARTE [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A composição visual de um filme: elementos plásticos e pictóricos. A direção de arte na criação da atmosfera. Conceito de atmosfera. A composição visual em diferentes movimentos cinematográficos. Etapas do trabalho do diretor de artes (roteiro, pesquisa histórica e estética, storyboard, desenhos e maquetes, escolha das locações). Princípios básicos do figurino. Maquiagem: técnicas, recursos e materiais utilizados.

- DEL NERO, Cyro. *Máquina para os deuses: anotações de um cenógrafo*. SENAC, São Paulo, 2009
- NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária*. SENAC, São Paulo, 2003
- GOMBRICH, Ernst Hans Josef. *A história da arte*. Editora LTC, 1998
- CÊSAR, Newton. *Os primeiros segredos da direção de arte*. SENAC, São Paulo, 2009
- LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. *Figurino, uma experiência na televisão*. Paz e Terra, 2002
- JANSON, H.W. E JANSON, Anthony F. *Iniciação à história da arte*. Martins Fontes, São Paulo, 1998
- SICART, E. VON e KOHLER, Carl. *História do vestuário*. Martins Fontes, São Paulo, 2007
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Martins Fontes, São Paulo, 2003
- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. Pioneira, São Paulo, 2004

REALIZAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

O documentário como veículo de representação do acontecer social, cultural. Desenvolvimento de projeto, pesquisa e realização de obra audiovisual documental: Realização de Pesquisa de fontes: Iconográfica, de personagens, de arquivo, de campo. Dramaturgia Documentária: o diálogo, o encontro com o outro, o personagem e a pessoa; o ator natural – suas ações, seu pensamento, sua memória e sua voz. A Entrevista como conhecimento do real e como *mise en scène*; a palavra vivida; o som sincronizado e o som *off/over*; o posicionamento da câmera, os movimentos corporais expressivos; dramaturgias da luz e a poética do real, do tempo e do espaço. Execução de projeto, viabilização técnica, financeira, e de produção de um documentário de caráter autoral dos alunos: Realização de projetos; Viabilidades Orçamentárias – Projetos; Viabilidades Técnicas – Formatos; Viabilidades de Produção – Logística, Equipes; Gravação; Edição – métodos de estruturação do material; decupagem, decantação, roteiro de edição, processos sintéticos da edição; a finalização, a dramaturgia e as condições de produção. Ética, História e Montagem. Novas formas narrativas e de produção do documentário contemporâneo. Semelhanças e especificidades da realização do documentário televisivo e documentário cinematográfico.

- CAVALCANTI, Alberto. *Filme e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, EMBRAFILME, 1977.
- KUPERMAN, Mario. *Olhos no olhos – reflexos na íris de um documentarista*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe (orgs.). *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, São Paulo, Senac, 2000.
- AVELLAR, J.C. Geraldo Sarno. In: PARANAGUA, P.A. (Org.) *Cine Documental em America Latina*. Madri: Cátedra, 2003.
- BARBOSA, M.; RIBEIRO, A.P.G. *Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade*. In: BOLAÑO, C.; BRITTO, V.C. (Orgs). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BARNOW, Erik. *Documentary – a history of the non-fiction film*. Nova York, Oxford University Press, 1993.
- BERNARDET, J.C. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARRIÈRE, Jean Claude; BONITZER, Pascal. *Prática do Roteiro Cinematográfico*. São Paulo: JSN Editora, 1996.
- CARROL, N. *Post-Theory. Reconstructing film studies*. University of Wisconsin Press, 1996.
- CHION, Michel. *O Roteiro de Cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.
- DA-RIN, Silvio. *O espelho partido: tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

HOWARD, David; MABLEY, Edward. *Teoria e Prática do Roteiro*. São Paulo: Editora Globo, 1995.

LABAKI, Amir. *Introdução ao documentário brasileiro*. São Paulo: Editora Francis, 2006.

_____. *É tudo verdade; reflexões sobre a cultura do documentário*. São Paulo: Editora Francis, 2005.

LEONE, Eduardo. *Reflexões sobre a montagem cinematográfica*. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2005.

LABAKI, A. *Introdução ao documentário brasileiro*. São Paulo: Francis, 2006.

LINS, C. *O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARNER, Terence St. John. *A direção cinematográfica*. Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora, sem data.

MOURA, Edgar. *Câmera na mão, som direto e informação*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir. *O cinema do real*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

NICHOLS, B. *Representing reality*. Indianápolis: Indiana University Press, 1991.

NICHOLS, B. The voice of the documentary. In: NICHOLS, B (org.) *Movies and methods. Volume 1*. Berkeley: University of Califórnia Press, 1976.

PLATINGA, C. *Rethoric and representation in non-fiction film*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

RAMOS, F., MIRANDA, L.F. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac, 2000. NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus Editora, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Teoria contemporânea do cinema (vol. I e vol. II)*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

REISZ, Karel; MILLAR, Gavin. *A técnica da montagem cinematográfica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, EMBRAFILME, 1978.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil, um perfil editorial*. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

RODRIGUES, Chris. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: Faperj, DP&A editora, 2002.

ROSENTHAL, A. *New challenges for documentary*. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1988.

SOUZA, H.A.G., *Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *Documentário no Brasil: tradição e transformação*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

VIANY, Alex. *O processo do cinema novo*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.

WINSTON, B. *Claiming the real: the documentary film revisited*. Londres: BFI, 1995.

WATTS, Harris. *Direção de câmera, um manual de técnicas de vídeo e cinema*. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

DIREÇÃO DE CINEMA E AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Fundamentação teórica de direção; Escolas, teorias e métodos de direção em diretor enquanto mediador de funções e técnicas e estéticas variadas para a elaboração de narrativas cinematográficas e audiovisuais.

BAZIN, André. Orson Welles. Lisboa. Livros Horizonte, 1991.

BERNARDET, Jean-Claude. Caminhos de Kiarostami. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

GERBASE, Carlos. Direção de Atores – Antes de rodar, rodando e depois de rodar. Porto Alegre RS: Artes e Ofícios, 2003

LUMET, Sidney. Fazendo filmes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MAMET, David. Sobre direção de cinema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NAGIB, Lúcia. Mestre Mizoguchi – uma lição de cinema. São Paulo: Editora Navegar, 1990.

RABIGER, Michel. Direção de cinema – técnicas e estética. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus. 2007.

TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

WAJDA, Andrzej. Um cinema chamado desejo. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

REALIZAÇÃO DE FILME [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Produção audiovisual coletiva. Aplicação prática-teórica das etapas da produção cinematográfica: argumentação e roteiro, direção de fotografia e arte, continuidade, sonorização, montagem/edição, finalização, direção geral e demais etapas na realização de filmes.

BORDWELL, David. *Figuras traçadas na luz: a encenação do cinema*. Campinas: Papirus, 2009.352p.

DANCYGER, Ken. *Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática*. São Paulo: Campus, 2007.522p.

EISENSTEIN, Serguei. *Reflexões de um cineasta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, 140p.
FELLINE, Federico. *Fazer um filme*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 256p.
GOSGIOLA, Vicente. *Roteiro para novas mídias: do cinema às mídias interativas*. São Paulo: SENAC, 2003.277p.
MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 2003,279p.
MASCELLI, Joseph V. *Os cinco cs da cinematografia: técnicas de filmagem*. São Paulo: Summus, 2010. 228p.
MOLETTA, Alex. *Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo*. São Paulo: Summus, 2009. 114p.
PUCCINI. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*. Campinas: Papyrus, 2010.141p.

Estágio Curricular

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I [CRED 05 CH 75 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO] [PRÉ-REQUISITO: EDIÇÃO E MONTAGEM I]

A disciplina tem como objetivo promover exercícios preliminares de instrumentos de pesquisa e (ou) práticas visando a definição do campo temático a ser desenvolvido no planejamento do trabalho de conclusão do curso.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II [CRED 05 CH 75 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO] [PRÉ-REQUISITO: ESTÁGIO SUPERVISIONADO I]

O Estágio supervisionado II tem por objetivos, embasar a formação do discente com o desenvolvimento de estudos e práticas supervisionados em atividades externas aos espaços de sala de aulas do Curso Comunicação. Integra as atividades complementares realizadas sob a supervisão de um docente, visando dar oportunidade ao estudante de vivenciar a realidade social e seu contexto, exercitando suas potencialidades nos saberes e práticas da comunicação.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III [CRED 05 CH 75 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO] [PRÉ-REQUISITO: ESTÁGIO SUPERVISIONADO II]

O Estágio supervisionado III busca ampliar as ações pedagógicas desenvolvidas do Estágio supervisionado II, visando promover a interação do estudante com o mundo do trabalho e do conhecimento com o objetivo de propiciar na iniciação com o campo profissional ou acadêmico, uma visão complexa do fazer e pensar a comunicação.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV [CRED 05 CH 75 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO] [PRÉ-REQUISITO: ESTÁGIO SUPERVISIONADO III]

O Estágio supervisionado IV busca ampliar as ações pedagógicas desenvolvidas do Estágio supervisionada III, visando promover a interação do estudante com o mundo do trabalho e do

conhecimento com o objetivo de propiciar na iniciação com o campo profissional ou acadêmico, uma visão complexa do fazer e pensar a comunicação.

Conteúdos complementares obrigatórios

PESQUISA APLICADA AO CINEMA E AO AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Principais enfoques de análise para imagem e som. A pesquisa sobre audiovisual no Brasil. Prática de pesquisa audiovisual.

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1983.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. A Construção do saber – Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LESSA, Júnia. Manual de Normalização. 5.ª ed. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2001.

LOPES, Maria I.V. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto interdisciplinar. In. Revista Usp. São Paulo: Edusp, n.48,

2000/2001, p. 46-57.

_____ (org.) *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, parte 5.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1989

MARTINO, L.C. Interdisciplinaridade e objeto da comunicação in FAUSTO NETO et alli (org.). *Campo da comunicação*. João Pessoa: ed.UFPB, 2001

SANTAELA, L. Comunicação e Pesquisa, Hacker Editores, 2001.

WEBER, Maria Helena; BENTZ Ione; HOHLFELDT, Antônio (orgs.). Tensões e objetos: da pesquisa em comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2002.

WEBER, Max. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais e na ciência política”. Metodologia das Ciências Sociais. São Paulo/Campinas: Cortez/Ed.Unicamp, 1992.

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Natureza do trabalho científico. Estrutura dos diversos tipos de trabalho científicos. Etapas da pesquisa bibliográfica. Principais órgãos de normalização. Aplicação das normas técnicas de documentação. Meios de acesso ao documento.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Elaboração de projeto de pesquisa em comunicação, ou de atividade prática de comunicação, a ser desenvolvido como trabalho de conclusão de curso enfocando as etapas e processos de: definição do objeto, formulação do problema e hipóteses que serão observadas com a realização da pesquisa/atividade.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II [CRED 18 CH 270 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Execução de atividade final do curso, desenvolvida sob a forma trabalho prático ou monográfico orientado por um docente vinculado ao Departamento de Comunicação e Turismo e examinada por uma banca constituída pela coordenação do curso.

CONVERGÊNCIAS E APROPRIAÇÕES TECNOLÓGICAS [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A convergência midiática no mundo digital. O diálogo possível entre o cinema, a tv e a internet. As apropriações tecnológicas ocorridas no cinema. A reconfiguração da linguagem cinematográfica com a digitalização.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. S. Paulo: Paz e Terra, 1993.

FELINTO, Erick. Cinema e tecnologias digitais. In: MASCRELLO, Fernando (org.) História do cinema mundial. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GERBASE, Carlos. Impacto das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2003.

JOHNSON, S. Cultura da interface. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GRAFISMO EM CINEMA E AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

O videografismo. A identidade visual e design gráfico de um produto audiovisual em cinema e televisão. O formato vinheta em cinema e a linguagem do cinema. A produção do grafismo.

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual, uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Edusp, 1980.

AZEVEDO, W. O que é design? São Paulo: Brasiliense, 1988.

AZNAR, S. C. Vinheta: do pergaminho ao vídeo. São Paulo: Arte e Ciência; Marília: Unimar, 1997.

BERGER, John. Modos de Ver. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DIMBLEBY, R. e BURTON, G. Mais do que palavras. São Paulo: Summus, 1985.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996.

MACHADO, Arlindo. A Arte do Vídeo. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PARENTE, A. (Org.). Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PINHO, J. B. O poder das marcas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

DIREÇÃO DE ATOR [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

Estudo dos principais pesquisadores da arte do ator: Stanislavsky, Grotowsky, Eugênio Barba, Antonin Artaud. A criação da personagem. Exercícios práticos a partir de roteiros sugeridos pelo docente.

ARTAUD, A. O teatro e seu duplo, Max Linonad, São Paulo, 1987
BARBA, E e SAVARESE, N. A arte secreta do ator, Hucitec, 2010
BURNIER, Luis Otávio. A arte de ator, Ed. Unicamp, Campinas, 2011
POLLASTRELLI, C e FLASZEN, L. O teatro laboratório de Grotowski. Ed. Perspectiva, 2007
STANISLAVSKI, C. A construção da personagem. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1983

Conteúdos complementares optativos

ANIMAÇÃO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Compreensão do processo tecnológico digital e analógico da produção; Noções de edição de imagens digitais e analógicas. Conhecimentos básicos de informática e computação gráfica. Cinema eletrônico. Digitalização de sons e imagens. Hardware e software próprios para produção do cinema e do audiovisual. Noções básicas de animação; Efeitos Gráficos e Visuais para o cinema e audiovisual. Noções básicas de finalização e tratamento das imagens.

ARISTARCO, Guido e Teresa (Org.). O novo mundo das imagens eletrônicas. Lisboa: Edições 70, 1990.
BENTES, Ivana (Org.). Ecos do cinema de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. DUBOIS. Philippe. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
LUCENA, Alberto. Arte da animação: técnica e estética através da história.. São Paulo: Editora Senac, 2002.
NUNES, Pedro, As relações estéticas no cinema eletrônico. João Pessoa, Natal: EDUFPB, EDUFRN, 1996.
MURCH, Num piscar de olhos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

SEMIÓTICA DOS MEIOS AUDIOVISUAIS [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Semiótica das imagens: signos e significações. O estudo das linguagens audiovisuais. Semiótica cinematográfica. Os modos de construção de sentido e estratégias de leitura de produtos imagéticos. O imaginário simbólico do cinema. Análise dos discursos audiovisuais.

GREIMAS, Algirdas J. Semiótica visual - o ritmo estático, a síncopa e a figuralidade. In: SIMÕES, D. (org.). Semiótica & semiologia. Rio de Janeiro: Dialogarts (UERJ), 1999.
LOTMAN, Yuri. Estética e semiótica do cinema. Lisboa: Estampa, 1978.
MORIN, Violet; BREMOND, Claude; METZ, Christian. Cinema – estudos de semiótica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
PIETROFORTE, A. V. Semiótica visual. São Paulo: Contexto, 2004.
SANTAELLA, Lucia e NOTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CINEMA E TEORIA DA LITERATURA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Conceitos de literatura. Mimesis. Funções da literatura. Estética literária. Teorias e correntes da crítica literária. Gêneros literários. Morfologia do conto. Poética: elementos, técnicas de análise e interpretação. Teoria do romance. Intertextualidade.

ATHAYDE, Tristão. Teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed-INL, 1980.

AUERBACH, Erich. Mimesis. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLOOM, Harold. O cânone ocidental. São Paulo: Objetiva, 1995.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1977.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

COSTA LIMA, Luiz. Teoria da literatura em suas fontes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975-1983, 2 vol.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto. v.1 São Paulo: Ática, 2004.

FIORIN, José Luis; BARROS, Diana L. Dialogismo, polifonia, intertextualidade. São Paulo: EDUSP, 2004.

FORSTER. E. M. Aspectos do romance. Porto Alegre: Globo, 1974.

FRYE, Northrop. Fábulas de identidade. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

PIRES, Orlando. Manual de teoria e técnica literária. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

SAMUEL, Rogel. Manual de teoria literária. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CINEMA E INFOGRAFIA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Compreender e analisar a evolução da infografia da era analógica à era digital. Entendimento de tecnologia da informação, o tratamento da informação e estudos infográficos. A dinamização do aspecto visual da informação no cinema. O uso de gráficos, mapas, desenhos, massas de modelar, maquetes, imagens 3D, pinturas etc. . A produção de infográficos.

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual, uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Edusp, 1980.

ROBIN, Williams. Design para quem não é designer, São Paulo, Callis, 2005.

VILLAS-BOAS, André. Produção gráfica para designers. São Paulo, 2AB Editora, 2008

HOLLIS, Richard. Design Gráfico – Uma História Concisa, São Paulo: Martins Fontes, 2001

WHITE, Jan V. Edição e Design, São Paulo, JSN, 2006

CINEMA E ANÁLISE DO DISCURSO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Noções preliminares de análise do discurso. Principais vertentes da análise de discursos. Linguagem: forma e conteúdo. Contextualização social da linguagem. Dialogismo. Enunciação e imagem. Prática de análise de discursos audiovisuais. Análise de discurso aplicada aos meios audiovisuais.

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Hucitec, 1979.

BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. São Paulo, Unicamp, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Introdução à análise do discurso. São Paulo, Unicamp, 2004.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1984.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília, UNB, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (org.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. São Paulo, Claraluz, 2003.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. SP, Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. Princípios e procedimentos. SP, Pontes, 1999.

PINTO, Milton. *Comunicação e Discurso. Introdução à Análise do Discurso. São Paulo, Hacker Editores, 1999.

TEORIA DA IMAGEM [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A noção de imagem. Estatutos semióticos da imagem. Formas de inscrição do tempo na imagem. Imagem e dispositivo. Experiência estética e imagem. Imagem e narração. Imagem e sentido.

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem*. Uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SANTAELLA, Maria Lúcia e NOTH, Winfred. A imagem. Cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- _____. O olho interminável – cinema e pintura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- PARENTE, André (org.). *Imagem-máquina*. A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PINTO, Júlio. *1, 2, 3 da semiótica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

COMUNICAÇÃO E CULTURA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Conceitos de comunicação e cultura. Relação entre comunicação e cultura. Processos sociais de formação cultural. Cultura e globalização. Comunicação, linguagem e cultura. Culturas midiáticas. Relação entre cultura e ideologia. A experiência cultural na era da informação e da imagem. O debate da contemporaneidade e autonomização da esfera da estética. As novas formas de sociabilidade. Comunicação e globalização.

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*; conflitos multiculturais na globalização
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. A interpretação das culturas. *RJ. LTC, 1989
- HALL, S. Identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP&A Editora, 1999.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. *Mídia, imagem e cultura*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. SP; Edusc, 2001.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. RJ: Editora da UFRJ, 1997.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

TRILHA SONORA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE MÚSICA]

Usos da música no cinema e no audiovisual. A música como elemento dramático. Trilha sonora original e trilha sonora pesquisada. Composição e produção de trilha sonora.

- RIGHINI, Rafael Roso. A trilha sonora da televisão brasileira. Da criação à finalização. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SCHAFER, Murray R. A afinação do mundo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SCHAFER, Murray R. O ouvido pensante. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- TAME, David. O poder oculto da música. São Paulo: Cultrix, 1987.
- TINHORÃO, José Ramos. Música popular e cinema. Petrópolis: Vozes, 1972.

TÉCNICA E ESTÉTICA DA VOZ [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A produção da voz. Saúde vocal. Psicodinâmica vocal. Voz e pronúncia. A voz profissional. Exercício de relaxamento, respiração, postura e articulação. Ritmo vocal e entonação.

- BEUTTENMÜLLER, Glorinha. O Despertar da Comunicação Vocal. Rio de Janeiro: Enelivros, 1995.
- DANTAS, Fátima. Treinamento vocal para os que fazem uso da voz profissional. Apostila. João Pessoa, 1996.
- FERREIRA, L. P. et al(orgs). Voz Profissional: O Profissional da Voz. Carapicuíba: Pró - Fono, 1995.
- GUARINES, Samantha. A palavra falada do telejornalista. Fortaleza: CEFAC, 1999. Monografia.
- PINHO, S. M. R. Manual de Higiene Vocal Para Profissionais da Voz. Carapicuíba: Pró – Fono, 1997.

QUINTEIRO, Eudisia Acuna <javascript:PesquisaAutor();>. Estética da Voz. Uma Voz para o Ator. São Paulo: Summus, 1989.

DUBLAGEM [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Voz, cultura e imaginário. Dublagem no Brasil e no mundo. A dublagem como reinterpretação e como criação de personagens. Técnicas e exercícios de dublagem.

CAJAIBA, Claudio. Cinema e dublagem na TV. In: BÍÃO, Armindo; PEREIRA, Antonia; CAJAIBA, Luiz Cláudio; PITOMBO, Renata. (Org.). Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade*. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2000.

GAYOTTO, Lúcia Helena. *Voz, partitura da ação*. São Paulo: Summus, 1997.

LESSA, Leandro Pereira. *A dublagem no Brasil. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de comunicação (Monografia), 2002. Disponível em: <http://www.filestube.com/836dc14c7fbc7c3a03e9/go.html>. Acesso em: 27 jun. 2011.

MACHADO, Nelson. *Versão* *brasileira*. São Paulo: Capricórnio, 2007.

SOARES, Luiz Cláudio Cajaiba. *Versão brasileira: dublagem na TV como recurso difusor do cinema. **Salvador: *UFBA, 1997. Dissertação

CORPO E COMUNICAÇÃO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Corpo, comunicação e cultura. Corpo como mídia. O corpo na produção artística (teatro, performance, dança etc.) e as novas tecnologias de produção e linguagens do audiovisual. Corpo culturalmente constituído. Mudanças corporais como parte da caracterização de personagens. Perfis e estereótipos.

BAITELLO JUNIOR, Norval. O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1997.

CASTILHO, Kathia. Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri/SP, Estação das Letras e Cores, 2008.

MORIN, Edgar. As Estrelas: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Psicologia Social dos Estereótipos. São Paulo: E.P.U, 2002.

SANTAELLA, Lucia. Corpo e Comunicação: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Desnise B. de. Corpos de passagem: ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

STANISLAVSKI, Constantin. A construção da personagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MAQUIAGEM [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

Visagismo. Maquiagem e cabelo como parte da caracterização dos personagens. Trabalhando o roteiro, a pesquisa, a concepção do personagem. A relação da maquiagem e do cabelo com a ambientação e com a ação dramática. Maquiagem: de envelhecimento, de embelezamento e de efeitos especiais. O estudo e a utilização de ícones, símbolos e signos.

CEZIMBRA, Márcia. Maquiagem: Técnicas Básicas, Serviços Profissionais e Mercado de Trabalho. São Paulo: Senac, 2007.

HALLAWELL, Philip. Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza. São Paulo: SENAC, 2010.

MOLINOS, Duda. Maquiagem. São Paulo: Senac, 2001.

MUSGROVE, Jan. Make-up, hair and costume for film and television*. Burlington, Inglaterra: Focal Press, 2003.

VITA, Ana Carlota R. História da maquiagem, da cosmética e do penteado: em busca a perfeição. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.

FIGURINO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

História da Indumentária. O figurino como parte da caracterização de personagens. Trabalhando o roteiro; a pesquisa, a concepção, os adereços e acessórios. Tipos de figurino: A cor, as modelagens, os

volumes, os tecidos, as texturas, a composição e a harmonia, a unidade, os materiais, as técnicas e os estilos. Figurinos realistas, para-realistas e simbólicos.

- BARNARD, Malcolm. *Moda e Comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
BARTHE, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BETTON, Gerard. *Estética do cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
BRAGA, João. *História da Moda: uma narrativa*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
CASTILHO, Kathia. *Moda e Linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.
GLOBO, Memória. *Entre tramas, rendas e fuxicos*. São Paulo: Globo, 2007.
LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. *Figurino: uma experiência na televisão*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: A Moda e seu destino na sociedade*. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1989.
MUNIZ, Rosane. *Vestindo os nus: o figurino em cena*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2004.

CENOGRAFIA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

Estudo das tipologias e evolução do espaço cênico teatral. A história dos edifícios para espetáculos, seu surgimento e desenvolvimento ao longo do tempo como pensamento e percepção de uma época em determinado lugar. A história da arte a serviço da cenografia, figurinos e iluminação cênica. Instrumentação da infra-estrutura de apoio técnico para realização do espetáculo cênico. Conhecimento e domínio das partes específicas do espaço cênico: urdimento, piso do palco, vestimentas cênicas e acessórios cenotécnicos.

- ESSLIN, Martin. *Uma Anatomia do Drama*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
MACKINTOSH, Iain. *Architecture, Actor & Audience*. Londres: Routledge, 1993.
RATTO, Gianni. *Antitratado de Cenografia: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: SENAC, 1999.
SILVA, R. J. G. (coord.). *100 Termos Básicos da Cenotécnica: Caixa Cênica Italiana*. Rio de Janeiro: IBAC, 1992.
SVOBODA, Josef. *I segreti dello spazio teatrale*. Milão: Ubulibri, 1997.

CINEMA E LITERATURA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

O texto fílmico e o texto literário. Cinema narrativo e cinema de poesia. Cinema e literatura: processos de tradução intersemiótica. Adaptação como prática cultural e intertextual. Leitura comparada de texto adaptados.

- AZERÊDO, Genilda. *Jane Austen, adaptação e ironia*. João Pessoa: Manufatura, 2003.
BAZIN, André. Por um cinema impuro. In: _____. *O cinema: ensaios*. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 82-104.
BRITO, João Batista de. *Literatura no cinema*. São Paulo: Unimarco, 2006.
HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Santa Catarina: Edufsc, 2010.
LUNA, Sandra. *Dramaturgia e cinema: ação e adaptação nos trilhos de Um Bonde Chamado Desejo*. 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. 291 p.
STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: CORSEUIL, A. R. (Ed). *Ilha do desterro: Film Beyond Boundaries*. Florianópolis: UFSC, n° 51, Jul / Dez, 2006. p. 19-53.
XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção. In: PELLEGRINI, Tânia et al. (2003) *Literatura, cinema, televisão*. São Paulo: Editora Senac; São Paulo: Instituto Itaú Cultural.

FICÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Comunicação, ficção e cultura. Dialogismo e construção de sentido Interdisciplinaridade. Etnocentrismo, identidade e alteridade. Narrativa e experiência. Texto e produção de sentido, texto e subjetividade. Cinema e ficção seriada.

- GAUDREAU, André; JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
GENETTE, G. *O discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, s/d.
MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canlini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1998.
STAM, Robert. *Bakhtin – da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2002.
STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ESTUOS DE RECEPÇÃO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Aspectos de teoria da recepção e do efeito estético. Teoria da recepção na literatura e no cinema. Estética e recepção. Cinema: produção, circulação e consumo. Horizonte de expectativas textual e social. Espectatorialidade e seus aspectos estéticos e culturais.

ALEA, Tomás Gutiérrez. *Dialética do Espectador: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano*. São Paulo: Summuns, 1984.
BRITO, João Batista. Questões de teoria e recepção. In: *Imagens amadas*. São Paulo: Ateliê editorial, 1997. p.181-250.
JAUSS, H.R. A estética da recepção. In: LIMA, L.C. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.9-40
MASCARELLO, F. Procura-se a audiência cinematográfica brasileira desesperadamente, ou Como e por que os estudos brasileiros de cinema seguem textualistas. In: MACHADO JR, Rubens et. al. *Estudos de cinema Socine VII*. São Paulo: Socine, 2006. p.127-133.
MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997
PUCCI JR., R. *Cinema moderno e de vanguarda na TV: o paradoxo pós-moderno de Cena aberta*. In: HAMBURGUER, E. et al. *Estudos de cinema Socine IX*. São Paulo: Annablume; Fapesp; Socine, 2008. p.325-332.

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

As teorias clássicas sobre a comunicação e a constituição do objeto da comunicação. A epistemologia e a problemática científica do campo teórico da comunicação. As sociedades e as teorias contemporâneas da comunicação: análise e crítica.

CAPRINO, Mônica Pegurer (Org.). *Comunicação e inovação: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Paulinas, 2008.
DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. *Teoria da comunicação na Americana Latina: da herança cultural à uma identidade própria*. Curitiba: UFPR, 2006.
DEFLEUR, Melvin L; BALLROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrrel (Orgs). *Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: UFPB, 2001.
HOHLFELDT, A; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2007.
INGLIS, Fred. *A teoria dos média*. Lisboa: Vega, 1993.
LEÃO, Lucia (Org.). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: SENAC, 2003.
LIMA, Luiz Costa (Org.) *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
MIÈGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.
WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. *Tensões e objetos: da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

EXPERIMENTO AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Prática de produção audiovisual com enfoque estritamente experimental. Criação de produtos audiovisuais com perspectiva renovadora e crítica. Busca de soluções criativas para problemas habituais da representação audiovisual hegemônica. Realização de produtos audiovisuais mobilizados pelas reflexões teóricas do curso de Comunicação Social.

MACHADO, Arlindo. *Made in brasil: três décadas do vídeo brasileiro*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
BRASIL, Antônio Cláudio. *Antimanual de jornalismo e comunicação*. São Paulo: SENAC, 2007.
MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2000.
JOST, François. *Seis Lições Sobre Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
DUARTE, Elizabeth Barros; CASTRO, Maria Lilia Dias. *Comunicação audiovisual: gêneros e formatos*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

FREIRE FILHO, João. *A TV em transição*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX, vol.1*. Rio de Janeiro: Forense, 2005

LIBRAS [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS]

Aspectos sócio-históricos, lingüísticos e culturais da Surdez. Concepções de linguagem, língua e fala e suas implicações no campo da Surdez. Elementos definidores do status lingüísticos da Língua de Sinais. Aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos da Língua Brasileira de Sinais. A Libras na relação fala/escrita.

GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A teoria dos signos. As propriedades pragmáticas do signo. A imagem e o texto. A metafunções. A gramática visual

ALMEIDA, D. B. L. *Icons of contemporary childhood: a visual and lexicogrammatical investigation of toy advertisements*. 2006. 300f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
ALMEIDA, D. B. L. *Do texto às imagens: novas fronteiras do letramento a partir de uma perspectiva sócio-semiótica visual*. 2008.
BAKHTIN, Mikhail. (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
DONDIS, D. A. *La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1976
FERNANDES, José David C. *Processos lingüísticos no cartaz de guerra: semiótica e gramática do design visual..* 2009.158f. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
JOLY, Martine. *A imagem e os signos*. Edições 70, Lisboa, 2005
JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, Papirus, 1996.
KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London, Routledge, 2000.
LÉVY, Pierre. *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial*. São Paulo, Loyola, 1998.
NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Pierce*. São Paulo: Anna Blume, 1995.
PEIRCE, Charles S. *Escritos coligidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores, 36).
VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine e televisión*. Barcelona: Paidós, 2008.

CINEMA E TURISMO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Interfaces entre Relações públicas, Turismo e hotelaria. Atividades de relações públicas no turismo: fomento ao turismo; Comunicação dirigida a diferentes públicos (turistas, trade turístico), agentes governamentais, população local); Estratégias de Relações Públicas para o fortalecimento da identidade e imagem de um produto turístico; Projetos de relações públicas específicos às atividades de Turismo.

BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raul; FRENKEL, David. *Turismo, políticas públicas e relações internacionais*. Campinas: Papirus, 2003.
BARRETTO, Margarita. *Planejamento responsável do turismo*. Campinas: Papirus, 2005.
BEZERRA, Deise Maria Fernandes. *Planejamento e gestão em turismo*. São Paulo: Rocca, 2003.
COSTA, Flavia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: SENAC, 2009.
NIELSEN, Christian. *Turismo e mídia: o papel da comunicação na atividade turística*. São Paulo: Contexto, 2002.
SIQUEIRA, Deis. *História social do turismo*. Brasília: Garamond, 2005.
TOMAZZONI, Edegar Luis. *Turismo e desenvolvimento regional dimensões, elementos e indicadores*. Bauru: Edusc, 2009.

ESTUDOS DE DIRETORES [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Aprofundamento de estudos na obra cinematográfica de diretores que se destacaram na consolidação do Cinema nacional e internacional

EISENSTEIN, Serguei. *Reflexões de um cineasta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, 140p.
FELLINI, Federico. *Fazer um filme*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 256p.
TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo, Martins Fontes, 1998, 306.
STRAUSS, Frederic. *Conversas com Almodóvar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 312p.

PRESERVAÇÃO, MEMÓRIA E POLÍTICA DO ACERVO AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Relações conceituais entre arquivos, acervos, e memória audiovisual; constituição da memória histórica e memória audiovisual; indicadores internacionais de políticas de preservação da memória, suas relações com a constituição da identidade cultural nacional. A preservação do cinema e a cadeia produtiva do produto audiovisual.

FREIRE & GATTI. "Retomando a questão da indústria cinematográfica brasileira", Assoc. Tela Brasillis Ed. Rio de Janeiro, 2009.
RAMIO & THEVENET, "Textos y manifestos del cine". Ed Fontamara, 2002, B. Aires, Argentina.
BOLANO, Cesar. "Economia da arte e da cultura" PPGCOM - UFS, 2010, Porto Alegre.
COELHO, Fernanda "Manual de manuseio de películas cinematográficas" Imprensa Oficial, Sao Paulo, 2006.

CINECLUBISMO [CRED 04 CH 60 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Nascedouro do termo Cineclubismo, contextos de mobilização intelectual e social; principais documentos de reconhecimento da relação cinema x educação como fator de leitura crítica do mundo; princípios e finalidades do cineclubismo; quadro de evolução da atividade cineclubística no país - problematizando contextos e ações culturais.

CINEMA E MEMÓRIA [CRED 04 CH 60 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A memória histórica e a memória do cinema; ficção e não-ficção na constituição de um conceito de verdade histórica; vínculos e principais problemas éticos e estéticos da relação cinema e memória em hegemonias estéticas e em contra-hegemonias. Evolução técnica e técnico-poética do cinema. Novos suportes audiovisuais de constituição da memória.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, Ed. brasiliense, São Paulo, SP.
MELLO, Christine. *Extremidades do vídeo*. Editora Senac, São Paulo, 2008.
VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. Ed. Pagina Aberta, 1993, São Paulo.

CURADORIA DO AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Saberes e dispositivos de apreensão e disponibilização de conteúdos audiovisuais em suportes distintos - tradicionais e em processos de mudanças; natureza das fontes de informação e disseminação de conteúdos audiovisuais, requisitos e instrumentos de uso para constituição do leitor crítico e competente. Compreensão das escalas éticas e estéticas dos conteúdos audiovisuais.

PARENTE, Andre. *A imagem máquina: a era das tecnologias do audiovisual*. Rio de Janeiro, ed. 34, 1993.
SENNA, Orlando. *Glauber Rocha Roteiros do terceiro mundo*. Embrafilme - Alhambra
NUNES FILHO, Pedro. *Mídias digitais e interatividade*. João Pessoa, Ed. UFPB, 2009.
COHN, Sergio & SAVAZONI, Rodrigo. *Cultura digital*. Beco do Azogue Ed. Rio de Janeiro, 2009.
AVELLAR, José Carlos. *A ponte clandestina*. Edusp-34 Ed. Sao Paulo, 1995.
MAQUA, Javier. *El docudrama fronteras de la ficción*. Ed Catedra, Madrid, 2002.

GODARD, Jean-luc . Cinco guiones. Alianza editorial, 1973 - Madrid, Espanha.

ETNOGRAFIA E CINEMA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A constituição do campo relacional do cinema com a antropologia; recortes nacionais e internacionais de estudos da etnografia no cinema; principais autores e fontes de estudo da etnografia no cinema. Campos de complementariedade e de difração da relação cinema e antropologia.

ARAÚJO, Mateus. Jean Rouch 2009. Belo Horizonte, Balafon, 2009.

FREIRE & LORDOU. Descrever o visível. São Paulo, Estação Liberdade 2009.

DA-RIN, Silvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário cinematográfico. Rio de Janeiro Azougue, 2004

GOMES, João de Lima. Aruanda, jornada brasileira. João Pessoa, Ed. UFPB, 2003.

RECEPÇÃO CINEMATOGRAFICA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Aspectos de teoria da recepção e do efeito estético. Teoria da recepção na literatura e no cinema. Estética e recepção. Cinema: produção, circulação e consumo. Horizonte de expectativas textual e social. Espectatorialidade e seus aspectos estéticos e culturais.

ALEA, Tomás Gutiérrez. *Dialética do Espectador*: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano. São Paulo: Summuns, 1984.

BRITO, João Batista. Questões de teoria e recepção. In: *Imagens amadas*. São Paulo: Ateliê editorial, 1997. p.181-250.

JAUSS, H.R. A estética da recepção. In: LIMA, L.C. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.9-40

MASCARELLO, F. Procura-se a audiência cinematográfica brasileira desesperadamente, ou Como e por que os estudos brasileiros de cinema seguem textualistas. In: MACHADO JR, Rubens et. al. *Estudos de cinema Socine VII*. São Paulo: Socine, 2006.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997

PUCCI JR., R. *Cinema moderno e de vanguarda na TV*: o paradoxo pós-moderno de *Cena aberta*. In: HAMBURGUER, E. et al. *Estudos de cinema Socine IX*. São Paulo: Annablume; Fapesp; Socine, 2008. p.325-332.

ANÁLISE DE DISCURSO [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Funcionamento interno do discurso: os processos e as condições de produção do discurso como agente na construção do conhecimento. A AD como instrumento para as “ciências sociais”. Percepção e reflexão. Discurso = documentos (livros, jornais, revistas, videos etc.). A informação comunicada: identificação dos discursos do Jornalismo; a significação das mensagens da Sociedade Midiática.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do discurso: fundamentos semióticos. São Paulo:Atual, 1988.

BRANDÃO, Helena. Introdução à análise de discurso. Campinas: Unicamp, 1991.

CARNEIRO, Agostinho D. (org.) O discurso da mídia. Rio de Janeiro:Oficina do Autor, 1996.

CERQUEIRA Fo., Gisálio. A “questão social” no Brasil – crítica do discurso Político. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1982.

CHARADEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo:Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. Saõ Paulo: Contexto, 1992.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 6 ed. São Paulo:Loyola, 2000.

GREIMAS, A .J. & LANDOWSKI, E. Análise do discurso em ciências sociais. São Paulo: Global Universitária, 1986.

LUCENA, Ivone T.; OLIVEIRA, Maria A.; BARBOSA, Rosemary E. (orgs.) Análise do discurso. João Pessoa/PB:Idéia, 2004.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso – princípios e procedimentos. 4 ed. Campinas:Pontes, 1999.

SANTAELLA, Lucia. Produção de linguagem e ideologia. São Paulo:Cortez, 1996.

MODELAGEM E ANIMAÇÃO GRÁFICA PARA CINEMA [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Os principais recursos de hardware, Scanners, Câmaras, Placas Aceleradoras e de captura de imagem. Técnicas de animação gráfica em 2D e 3D; Técnicas de modelagem de objetos e efeitos especiais; Cópia de segurança de arquivos; Utilização correta da Mídia; Os mais populares softwares de captura e

digitalização de imagem; Os principais softwares de modelagem, digitalização e animação gráfica; A Cinematografia; Como finalizar um trabalho e enviar para sua publicação.

- AA.VV. 3ds Max 7: fundamentals and beyond courseware, London, Focal Press, 2004
AA.VV. Learning Maya 5: character rigging and animation, Alias / Wavefront, 2003
AA.VV. Learning Maya 5: Foundation, Alias / Wavefront, 2003
AA.VV. Learning Maya 7: the modeling & animation handbook, Sybex, 2005
BOARDMAN, Ted. 3DS max 7 fundamentals., Berkeley, New Riders, 2005
BOUSQUET, M., Model, rig, animate with 3ds Max 7, , Berkeley, New Riders, 2005
BOUSQUET, M., McCarthy, M., 3ds Max animation with Biped, Berkeley, New Riders, 2006
KERLOW, Isaac V., The Art of 3D Computer Animation and Effects, 3ª ed., John Wiley & Sons, New Jersey, 2004
LUCENA, Alberto. Arte da animação: técnica e estética através da história. São Paulo: Editora Senac, 2002.
MAESTRI, G., Character rigging in discreet : 3ds Max 6, Ojai, Lynda.com, 2004
MURDOCK, Kelley, 3ds Max 7 bible, Hoboken, Wiley Publishing, Inc., 2005

CINEMA E SEXUALIDADE [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Representações da sexualidade e relações de gênero no cinema. Sexualidade e as transformações da narrativa cinematográfica em diferentes décadas. Cinema, sexualidade e contemporaneidade. Matizes da sexualidade na produção audiovisual. Propostas experimentais com enfoques da sexualidade. Cinema, sexualidade e redes digitais.

- BAUMAN, Zigmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: JorgeZahar, 2004.
FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 1998. Vol. 1.
KAPLAN, Ann. A Mulher e o Cinema: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). Corpo, gênero e sexualidade contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2004.
MENEZES, Paulo . À Meia Luz: Cinema e Sexualidade nos anos 70. São Paulo: Ed. 34, 2001.

AUDIODESCRIÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL [CRED 04 CH 60 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

Acessibilidade em cinema e audiovisual. Semiótica e Produção de sentidos. Conceitos de descrição. Audiodescrição como modalidade de tradução intersemiótica e tecnologia assistiva. Recursos e técnicas da audiodescrição. AD - descrições de narrativas audiovisuais: as expressões faciais e corporais, efeitos especiais, figurinos, movimentos, informações sobre o ambiente, mudanças espaço-temporais, subjetividade da narrativa, letreiros, créditos informações escritas entre outros. Descrição entre diálogos e pausas das informações sonoras. Tipos de audiodescrição: pré-gravada, simultânea ou em tempo real. Formação de equipe. Experiências e análises de audiodescrição em filmes, vídeos, tv. Web e novas mídias móveis e portáteis.

- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ALVES, Soraya Ferreira. Do texto para a tela, da tela para a palavra: um estudo sobre os processos intersemióticos envolvidos na tradução do livro Campo Geral, de Guimarães Rosa, para o filme Mutum, de Sandra Kogut, e a audiodescrição do filme para cegos. Anais do Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa, 2009. p. 2989 - 2996.
ARAÚJO, V.L.S. & FRANCO, E. P. C. (org.) Tradterm. São Paulo: Humanitas, 2007.
BENECKE, B. Audio-description. In: Gambier, Y. (org.) Meta. Volume 49, no. 1, abril de 2004. 78-80.
JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. Trad. Izidoro Blikstein. In: JAKOBSON, R. Lingüística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995, p.63-86.
JIMÉNEZ HURTADO, Catalina (Org.). Traducción y accesibilidad: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos. Nuevas modalidades de traducción audiovisual. Frankfurt: Peter Lang, 2007.

MOTTA, Livia Maria M. e FILHO, Paulo Romeu (ORGs.) AUDIODESCRIÇÃO: Transformando imagens em palavras. São Paulo, Secretaria dos Direitos da Pessoa com deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

ORERO, P. (Org.) La accesibilidad en los medios. TRANS. Revista de Tradutologia. Málaga: Universidad de Málaga, número II, 2007.

VANZIN, Tarcísio. Mídias do conhecimento: um retrato da audiodescrição no Brasil. DataGramZero, Rio de Janeiro, v, 11, n. 6, dez. 2010.

Conteúdos complementares flexíveis

TÓPICOS ESPECIAIS EM CINEMA E AUDIOVISUAL I [CRED 04 CH 60 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A disciplina por se tratar de conteúdo flexível tem ementa aberta para se adaptar às necessidade de formação do aluno. Conteúdos complementares flexíveis constituídos de atividades como seminários, congressos, colóquios, oficinas, projetos de iniciação ao ensino e a pesquisa, atividades de extensão, estágios extracurriculares, produção técnica ou científica e disciplinas de áreas a fins

TÓPICOS ESPECIAIS EM CINEMA E AUDIOVISUAL II [CRED 04 CH 60 - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E TURISMO]

A disciplina por se tratar de conteúdo flexível tem ementa aberta para se adaptar às necessidade de formação do aluno. Conteúdos complementares flexíveis constituídos de atividades como seminários, congressos, colóquios, oficinas, projetos de iniciação ao ensino e a pesquisa, atividades de extensão, estágios extracurriculares, produção técnica ou científica e disciplinas de áreas a fins